

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

FLÁVIA MANETTE CARDOSO STOFELE

**USO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM: O CASO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL
DE GURIRI / SÃO MATEUS, ES (2018-2020)**

SÃO MATEUS - ES

2021

FLÁVIA MANETTE CARDOSO STOFELE

USO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO PROCESSO DE ENSINO-
APRENDIZAGEM: O CASO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL
DE GURIRI / SÃO MATEUS ES (2018-2020)

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientador: Dr. Sebastião Pimentel Franco.

SÃO MATEUS - ES

2021

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

S873u

Stofele, Flávia Manette Cardoso.

Uso da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem: o caso de uma escola municipal de Guriri / São Mateus ES (2018-2020) / Flávia Manette Cardoso Stofele – São Mateus - ES, 2021.

64 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2021.

Orientação: prof. Dr. Sebastião Pimentel Franco.

1. Bibliotecas e escolas. 2. Sistemas de recuperação da informação - Educação. 3. Biblioteca - Usuários. 4. Metodologia de ensino. I. Franco, Sebastião Pimentel. II. Título.

CDD: 027.8

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

FLÁVIA MANETTE CARDOSO STOFELE

**USO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO PROCESSO DE ENSINO -
APRENDIZAGEM: O CASO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE
GURIRI, SÃO MATEUS/ES (2018-2020)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 30 de junho de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Sebastião Pimentel Franco
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientador



Profa. Dra. Sônia Maria da Costa Barreto
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Prof. Dr. Thiago Nunes Soares
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

Ao meu esposo ZELMO GARCIA STOFELE, que além de cuidar da manutenção do lar, enquanto eu permanecia ocupada com este projeto, foi capaz de me incentivar todos os dias, me ajudando a realizar este sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro à Deus por ter me mantido na trilha certa durante o desenvolvimento dessa pesquisa com saúde e forças para chegar até o final.

A todos os professores de Mestrado em Ciências, Tecnologia e Educação, pelos ensinamentos práticos e teóricos, que vieram a contribuir para minha formação acadêmica e profissional. Em especial, ao meu Professor e Orientador Dr. Sebastião Pimentel Franco, pela confiança depositada e pelo apoio na orientação da Dissertação aqui apresentada

A minha filha Flaviane Cardoso Stofele, que me transmitiu em todos os momentos, através do seu sorriso, a força necessária para seguir em frente.

Ao meu esposo Zelmo Garcia Stofele, que em todos os momentos me apoiou e incentivou nessa trajetória.

Aos meus pais Jorge Luiz Alves Cardoso e Leocádia de Lourdes Manette Cardoso, que sempre foram exemplo de dignidade, e em quem me espelhei como exemplo de vida.

Aos professores e alunos da EMEF Guriri, por aceitarem colaborar para a realização deste estudo, que deram todo suporte para a realização dessa pesquisa.

Deixem que o futuro diga a verdade e avalie cada um de acordo com o seu trabalho e realizações. O presente pertence a eles, mas o futuro pelo qual eu sempre trabalhei pertence a mim.

Nikola Tesla

RESUMO

STOFELE, Flávia Manette Cardoso. **Uso da biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem: o caso de uma escola municipal de Guriri / São Mateus ES (2018-2020)**. 2021. 64 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, ES, 2021.

Este estudo objetiva Verificar de que forma a Biblioteca Escolar tem colaborado no processo de ensino aprendizagem de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de Guriri do Município de São Mateus – ES. Para empreender essa análise discutimos, a partir da bibliografia, a importância da biblioteca na vida escolar e de como esta pode contribuir no processo de ensino/aprendizagem. Utilizamos como fonte a documentação da biblioteca e da escola, além da aplicação de questionário de perguntas abertas direcionado aos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, buscando caracterizar o perfil dos usuários reais e potenciais; identificar o tipo de serviço prestado pela Biblioteca Escolar e como esta contribui para a aquisição de saberes e por fim, verificar o grau de satisfação dos usuários quanto aos serviços e recursos disponibilizados. A Biblioteca Escolar, parte do processo de ensino/aprendizagem, tem importância na sua integração na comunidade escolar e dos seus serviços nos planejamentos pedagógicos, colaborando para a formação do indivíduo leitor e crítico. Entretanto, observamos a precariedade desse espaço e a falta de profissionais habilitados para atender os usuários. Desta forma concluímos que são necessárias ações, projetos e planejamentos que incentivem o uso desse espaço, tornando-o atraente e essencial para a aprendizagem e forma de acesso à cultura.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar; Sistema de Informação; Usuário; Processo ensino/aprendizagem.

ABSTRACT

STOFELE, Flávia Manette Cardoso. **Use of the school library in the teaching-learning process: the case of a municipal school in Guriri / São Mateus ES (2018-2020)**. 2021. 64 f. Dissertation (Professional Master in Science, Technology and Education) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus, ES, 2021.

This study aims to verify how the School Library has collaborated in the teaching-learning process of a Municipal Elementary School of Guriri in the Municipality of São Mateus – ES. To undertake this analysis, we discuss, based on the bibliography, the importance of the library in school life and how it can contribute to the teaching/learning process. We used as a source the documentation from the library and the school, in addition to the application of a questionnaire with open questions aimed at students from 6th to 9th grade of Elementary School II, seeking to characterize the profile of actual and potential users; identify the type of service provided by the School Library and how it contributes to the acquisition of knowledge and, finally, verify the degree of user satisfaction with the services and resources made available. The School Library, part of the teaching/learning process, is important in its integration into the school community and its services in pedagogical planning, contributing to the formation of the individual reader and critic. However, we observed the precariousness of this space and the lack of qualified professionals to assist users. Thus, we conclude that actions, projects and plans are needed to encourage the use of this space, making it attractive and essential for learning and access to culture.

Keywords: School Library; Information system; User; Teaching/learning process.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BE	- Biblioteca Escolar
BPES	- Biblioteca Pública Estadual do Espírito Santo
CoLIS	- International Conference on Conceptions of Library and a Information Science
DCN	- Diretrizes Curriculares Nacionais
EF	- Ensino Fundamental
EMEF	- Escola Municipal de Ensino Fundamental
ES	- Espírito Santo
FEBAB	- Federação Brasileira de Bibliotecários e Cientistas da Informação
IFLA	- International Federation of Library and Institutions
ISIC	- Information Seeking in Context
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases
PCN	- Parâmetros Curriculares Nacionais
PNBE	- Programa Nacional Biblioteca na Escola
PNE	- Programa Nacional de Educação
PRENEM	- Programa de Expansão da Melhoria do Ensino Médio
SECULT	- Secretaria de Cultura do Espírito Santo
SI	- Sociedade da Informação
SRI	- Serviço de Referência e Informação
UNESCO	- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Parte anterior da biblioteca de Alexandria.....	20
Figura 2 - Acervo da BE EMEF Guriri.....	49
Figura 3 - Acervo da BE EMEF Guriri.....	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quantidade de alunos matriculados.....	48
Quadro 2 - Infraestrutura da EMEF Guriri.....	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 A BIBLIOTECA E SISTEMA DE INFORMAÇÃO: DISCUSSÃO TEÓRICA.....	19
2.1 HISTÓRICO DAS BIBLIOTECAS.....	19
2.1.1 História da Biblioteca no Brasil.....	22
2.2 O SISTEMA DE INFORMAÇÃO E A BIBLIOTECA ESCOLAR.....	30
2.3 BIBLIOTECA ESCOLAR.....	32
2.2.1 Evolução Teórica dos Estudos sobre Usuário de Biblioteca.....	36
2.2.2 A Biblioteca Escolar na Sociedade da Informação.....	38
3 METODOLOGIA.....	43
4 DISCUSSÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	46
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR DA EMEF GURIRI.....	46
4.2 APRESENTAÇÃO DE DADOS.....	50
4.2.1 O uso da Biblioteca pelos alunos da Escola.....	50
5 SUGESTÃO DE PROJETO PARA OTIMIZAR O USO DA BE DA ESCOLA PESQUISADA.....	55
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	60

1 INTRODUÇÃO

A Biblioteca é a forma que a humanidade encontrou para divulgar e disseminar o conhecimento. É através desse serviço de informação podemos ter acesso a obras que, além de trazer conhecimento, também proporcionam entretenimento.

A invenção da escrita foi significativa na História da Humanidade em razão de que o conhecimento deixou de ser divulgado exclusivamente pela tradição oral e pudessem a partir de então, ser armazenado e disseminado. Também a necessidade de se divulgar, de forma expansiva, as informações, ideias, estudos, pesquisas, e textos de entretenimento de forma organizada e de fácil acesso para a população, deu origem a biblioteca.

Dessa forma, surgem as bibliotecas, que, segundo Seibert (2014, p. 15),

Tal situação exigiu o surgimento de uma instituição na qual esses estoques de informação pudessem ser organizados e amplificados através da disseminação e da discussão construída e realizada em seu interior. Diante disso, surgiu a biblioteca. Extremamente necessária para proporcionar o armazenamento, a distribuição e a circulação da memória coletiva e individual dos bens culturais, científicos e existenciais dos membros da sociedade em geral.

As bibliotecas surgiram desde a Antiguidade, entretanto, de acordo com Martins (2002), não eram franqueadas ao público em geral e serviam muito mais como um local de armazenamento do acervo ali existente do que propriamente para que o público a ela tivesse acesso.

Dentre as bibliotecas da Antiguidade se destacam, a de Níneve na Assíria e a de Alexandria no Egito, a de Pérgamo na Ásia Menor, a de Pisítrato na Grécia. Em Roma, na Antiguidade, existiam dois tipos de bibliotecas, também chamadas “casas de sabedoria”. Roma apresentava um diferencial entre outras localidades, pois nesse período existiam as bibliotecas públicas e particulares (BATTLES, 2003).

As bibliotecas particulares eram formadas a partir das pilhagens provenientes das guerras de conquistas que o Império romano empreendeu. A primeira biblioteca pública embora tivesse sido um projeto do Imperador Júlio César, esta surgiu depois de sua morte, implementada por iniciativa de Asínio Pólio e o escritor Públio Terêncio Varrão, em 39 a.C., período em que o Imperador já tinha morrido. Esta biblioteca teria sido instalada no Fórum Romano (SANTOS, 2012).

No Brasil, a primeira biblioteca teria sido instalada no Rio de Janeiro em 1810,

logo após a chegada da Família Real portuguesa, que fugindo da invasão promovida por Napoleão Bonaparte, quando invadiu Portugal, se deslocou para o Brasil com um grande contingente da nobreza portuguesa. Essa biblioteca, composta por 60 mil volumes, veio para o Brasil posteriormente a chegada da Família Real, instalada entre 1810 e 1811, numa sala do Hospital do Convento da Ordem Terceira do Carmo, por meio de um decreto datado de 28 de outubro de 1810. Conforme Azevedo (2012), embora D. João VI tivesse criado essa Biblioteca em 1810, somente em 1811 teríamos a primeira biblioteca pública no Brasil, criada em Salvador na Bahia.

No Espírito Santo, temos uma das bibliotecas mais antigas do Brasil: a Biblioteca Pública Estadual do Espírito Santo (BPES), criada em 1855 com mais de 400 volumes, doados por Brás Costa Rubim (GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO SECRETARIA DE CULTURA – SECULT).

A Biblioteca Pública é uma das instituições culturais mais presentes nos municípios brasileiros, porém apenas 10% da população as frequenta e apenas 34% conhecem a biblioteca pública do seu município. Observamos a necessidade de atrair os usuários para a biblioteca e de desenvolver o incentivo à leitura no seu espaço interno e projetos culturais que incentivem a leitura no espaço externo.

Valio (2003), afirma que a biblioteca pública tem como missão a instrução e a educação constante para o povo. Cabe ao poder público criar e executar projetos de acesso às bibliotecas, incentivar a leitura e fortalecer a disseminação cultural.

O município de São Mateus/ES possui apenas uma Biblioteca Pública, inaugurada em 20 de julho de 1944, batizada com o nome de Clementino Rocha, situada na Avenida Coronel Matheus Cunha, 347, no bairro Sernamby. Possui um acervo de mais de 20 mil obras nas áreas de literatura nacional infantil, Direito, Sociologia, Geografia, Matemática, História e Artes, entre outras, além de desenvolver projetos para incentivo à leitura.

Spanholz (1984) ressalta que as bibliotecas públicas são a primeira oportunidade concreta de acesso aos bens culturais e científicos produzidos pela coletividade, sendo de competência delas a responsabilidade da difusão e da intermediação do conhecimento nelas depositado. Assim, é necessário investimento, na atualização permanente e na manutenção desse espaço.

Ressaltamos que a biblioteca é um espaço democrático e oferecida a todos. Porém só a existência da mesma, apenas um espaço físico, não promove qualquer ação diante da população. Segundo Barbalho (2002), a biblioteca deve se colocar de

forma estratégica sob o olhar dos usuários, para assim, atrair e instigar o seu uso por todos ao seu entorno. A biblioteca pública sozinha não atinge o seu objetivo, uma vez que o usuário é parte crucial para que esse espaço tenha funcionalidade e promova o desenvolvimento do conhecimento.

Em relação às bibliotecas no Brasil, no ano 2010, Seibert (2014, p. 17) confirma:

[...] as bibliotecas públicas estavam presentes em 93,2% dos 5.564 dos municípios brasileiros, ou seja, ela é uma das instituições culturais mais presentes nos municípios pesquisados. Porém, ao fazer um cruzamento com outros dados publicados no Retrato da leitura no Brasil, de uma forma geral, as bibliotecas públicas são frequentadas somente por 10% da população entrevistada. Outro dado, também interessante, é que apenas 34% dos entrevistados conhecem a biblioteca pública de seu município. Isso demonstra que há uma necessidade premente das bibliotecas públicas atraírem seus usuários e, conseqüentemente, exercerem seu papel de incentivadoras da leitura em seu interior e de, até mesmo, criarem e executarem projetos culturais provocativos visando suscitar o incentivo à leitura fora de seu local físico.

A Biblioteca Escolar (BE) tem como função incrementar e estimular o hábito da leitura e de aprimorar a forma de realizar pesquisas escolar científicas. É primordial que esse espaço seja de livre acesso para os alunos e que promova ações que atraiam os seus usuários para o uso frequente e que contribua de forma significativa para o ensino aprendizagem. A preocupação diante do papel da BE no processo de ensino aprendizagem é apontado por Lourenço Filho (1946, apuf CAMPELLO, 2003, p. 1):

Uma escola sem biblioteca é um instrumento imperfeito. A biblioteca sem ensino, ou seja, sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, será, por seu lado, instrumento vago e incerto. Começa a compreensão destas ideias, felizmente, a vigorar entre nós.

O tripé que dá embasamento à defesa da BE, delimitado por Campello (2003), é a *Leitura*, a *Pesquisa Escolar* e a *Ação Cultural*, definindo a BE como espaço de ação pedagógica na escola. A autora descreve em seus trabalhos que:

[...] a leitura dentro do contexto escolar, principalmente no espaço da Biblioteca Escolar, não deve ser apenas uma atividade obrigatória de cunho apenas de aprendizagem, mas sim um momento de prazer, no qual o educando interaja com esse espaço de forma prazerosa. Biblioteca seria então o local onde com frequência os alunos se dirigem para complementar o que estudam em sala de aula, nesse ambiente eles estudariam temas propostos pelos professores e selecionados por eles próprios, ocorrendo aqui no caso, um trabalho totalmente pessoal.

Para a mesma autora, a biblioteca seria, portanto, o elo entre o professor e o

aluno, quanto a elaboração e apresentação dos estudos realizados.

A realização das tarefas propostas pelos professores aos alunos para serem executadas nas bibliotecas, requer a necessidade de profissionais habilitados, bibliotecários, integrados no planejamento pedagógico, além de diversidade de instrumentos dentro da BE que possibilitem uma melhor participação e integração dos usuários. Santos (1973 apud CAMPELLO, 2003, p. 75), demonstra como deve ser a participação da biblioteca e do bibliotecário no contexto escolar:

A biblioteca estará em conjunção com a nova pedagogia da leitura, transformando-se num centro de documentação, incluindo, além dos livros, o material audiovisual utilizado por professores e alunos. Esta é a biblioteca que se integraria no ensino pregado pela nova pedagogia, que viria a personalizar a vida da escola. Para tal deveria transformar o bibliotecário comum num verdadeiro especialista da pedagogia da pesquisa e da leitura.

É necessário ampliar a função pedagógica da biblioteca, construindo um novo paradigma educacional para a biblioteca, repensando, em especial, no papel do bibliotecário no processo de ensino aprendizagem. Este profissional deve dominar e ser competente em informação para colaborar de adequada no processo de pesquisa (CAMPELLO, 2005).

Para Campello (2003, p. 9), a *Pesquisa Escolar* deve estar integrada na ação educativa da BE:

Embora esteja intrinsecamente ligada à leitura, há uma tendência em tratar essas duas questões, se não de forma totalmente separada, pelo menos com enfoques diferentes: de um lado a leitura poética, recreativa, de lazer, de outro a leitura informativa, para obtenção de informações destinadas a trabalhos escolares, característica do processo de pesquisa.

A Pesquisa Escolar ainda é um empasse para educadores e educandos, pois existem inadequações no processo. Como pontuado por Campello (2003, p. 18):

1. A dependência dos alunos no momento de selecionar as fontes de informação; essas lhe são entregues sempre pelo bibliotecário ou atendentes, havendo um comportamento passivo dos alunos, diferentemente de quando buscam leituras recreativas, ocasião em que eles próprios dirigem-se às estantes para escolher o livro que desejam ler.
2. A utilização de uma única fonte; assim que encontram um texto que contém de forma direta e objetiva, o tópico da pesquisa os alunos se dão por satisfeitos.
3. Cópia dos textos que são considerados significativos para os propósitos do trabalho; “não foi observado um momento de discussão, no sentido de levantar as ideias principais e promover a síntese e a crítica do texto lido. A discussão que ocorre, na maioria das vezes, é para decidir até onde o texto deverá ser copiado”. (Neves, 2000, p. 116).
4. A pesquisa é quase sempre feita em grupos e o pessoal da biblioteca auxilia na medida em que seja possível atender a determinado número de

grupos que chegam concomitantemente à biblioteca. Além de entregar os materiais aos alunos, os atendentes os orientam para que leiam, resumam e citem as fontes consultadas, sem, entretanto, acompanhar o processo até o final.

5. O trabalho resultante (quase sempre um texto escrito), ao qual o professor atribui um conceito, não é avaliado sob a ótica do processo e nem há retorno dos resultados para o pessoal da biblioteca.

É necessário que haja mais ações integradas à BE, que seja um trabalho em conjunto, professor e bibliotecário, para que os estudantes tenham mais autonomia nas suas pesquisas e que estas sejam significativas, não apenas um recorte de livros.

Para Campello (2003, p. 22) o tripé da BE, *Leitura, Pesquisa Escolar e Ação Cultura* são aspectos essenciais, pois:

Consideramos que, se pretendermos que a biblioteca deva exercer efetivamente seu papel pedagógico, esses três aspectos não podem mais ser tratados de forma fragmentada. O foco deve se deslocar para uma perspectiva integradora, que tenha como base a aprendizagem.

Nossa pesquisa busca verificar a colaboração da a Biblioteca Escolar no processo de ensino aprendizagem. Para tanto, partimos de algumas questões geradoras que nos inquietam e que gostaríamos de responder. Como a Biblioteca Escolar contribui para o ensino aprendizagem dos alunos? Qual o perfil do usuário da Biblioteca Escolar? Como o usuário/aluno utilizam os serviços da Biblioteca Escolar?

Acreditamos que dessa forma poderemos atingir o nosso **Objetivo Geral** que é: verificar de que forma a Biblioteca Escolar tem colaborado no processo de ensino aprendizagem de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de Guriri do Município de São Mateus - ES.

São nossos **Objetivos Específicos**:

- 1 - Caracterizar o perfil dos usuários reais da Biblioteca Escolar;
- 2 - Identificar o tipo de serviço ofertado pela Biblioteca Escolar e como esses contribuem para o ensino aprendizagem;
- 3 - Pontuar o grau de satisfação dos usuários quanto a serviços e recursos disponibilizados pela Biblioteca Escolar;
- 4 - Apresentar, através de um projeto, soluções com a finalidade de otimizar os serviços da Biblioteca Escolar e incentivar o hábito de leitura;

Com esses objetivos será possível avaliar e gerar novas formas de integrar a BE ao processo de ensino aprendizagem.

Diante das observações e vivências durante a vida profissional e educacional da pesquisadora, surgiu uma inquietação em relação aos meios de informações

disponíveis, principalmente acerca da BE. Por vezes questionava sobre o uso e a frequência dos usuários, pois, muitos alunos não tinham o hábito de frequentar à BE – somente como um meio de entretenimento. Muitos não se interessavam por frequentar a biblioteca por conseguir ter fácil acesso as informações através da *internet* e poucos tinham acesso a livros. Assim, surgiu a dúvida sobre os seus usuários e a forma e utilização.

Essa pesquisa, nos leva a conhecer melhor a BE, seus serviços, a forma como está integrada aos planejamentos pedagógicos, o perfil dos usuários que frequentam a biblioteca e atraí-los para a sua permanência, além de conquistar novos usuários, tornando a BE, através de projetos e outras ações, mais acessível e atraente para os alunos.

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa, por entendermos que esse tipo de pesquisa nos possibilita obter uma maior riqueza de “[...] descrições de pessoas, situações e acontecimentos”, por enfatizar mais o “[...] processo que o produto” (LUDKE; ANDRE, 1986, p. 12).

Como toda entrevista semiestruturada partimos de um roteiro prévio, não havendo, portanto, uma ordem rígida dos questionamentos, deixando o entrevistado livre em sua fala. As entrevistas serão feitas por telefone ou ainda por plataforma digital, em razão do Covid-19. Utilizaremos dados quantitativos, que serão obtidos por meio de análise documental fornecidos pelo BE da referida escola, ou seja, o registro dos usuários.

Esse trabalho está estruturado da seguinte forma:

Na **introdução**, ou seja, no primeiro capítulo, abordamos a problematização e definiremos a espacialidade e a temporalidade da pesquisa, o objetivo geral e específicos. Em seguida apresentamos as questões geradoras, a justificativa, a metodologia apresentando sua natureza, além das fontes e dos instrumentos.

No segundo capítulo, **A Biblioteca e Sistema de Informação: Discussão Teórica**, apresentamos o quadro teórico explanando o que é Biblioteca e Sistema de Informação, além de uma revisão da literatura acerca da História da Biblioteca, contemplando sua evolução ao longo da História da Humanidade.

No terceiro capítulo apresentamos a **Metodologia** utilizada para a pesquisa.

No quarto capítulo intitulado **Discussão dos dados e análise dos resultados** caracterizamos inicialmente a BE de uma escola de Guriri/São Mateus-ES, apresentando o seu histórico, o acervo, a equipe de funcionários, o espaço físico. Em

seguida, seguem dados referente ao acesso dessa biblioteca pelos alunos da escola nos últimos anos. Iremos por fim, analisar a fala dos entrevistados em relação a biblioteca e seu uso no que se refere a contribuição desta na aprendizagem.

A partir dos dados coletados, pesquisas realizadas e com a finalidade de otimizar os serviços da BE, apresentamos o Produto Final. Finalizado pelas Considerações Finais.

2 A BIBLIOTECA E SISTEMA DE INFORMAÇÃO: DISCUSSÃO TEÓRICA

O surgimento da biblioteca se deu devido a necessidade das pessoas em passar a diante as ideias que antes ficavam guardadas. Era necessário que houvesse um espaço para a divulgação, disseminação e organização dessas informações. O sistema de informação na biblioteca tem como objetivo manipular, armazenar, filtrar e gerar informação de forma eficaz e rápida.

Para Gasque (2012), a biblioteca é um espaço no qual há a interação e o dinamismo com as produções intelectuais, tendo como objetivo a criação de novos conhecimentos.

2.1 HISTÓRICO DAS BIBLIOTECAS

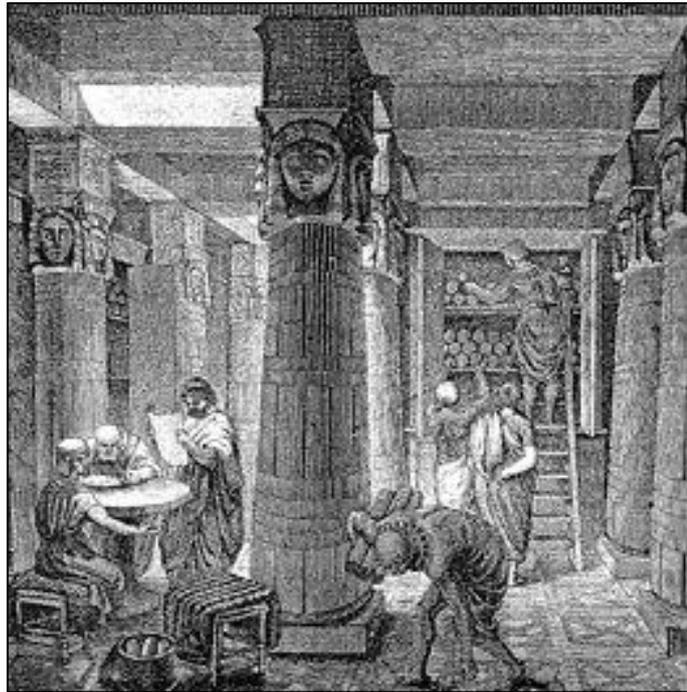
No decorrer da História muitas bibliotecas públicas surgiram e desapareceram. Acervos que eram recuperados, daquelas que fecharam ou foram destruídas, eram distribuídos entre outras bibliotecas públicas.

A história da biblioteca é mais antiga que o surgimento dos livros. Segundo Martins (2001), as bibliotecas eram os antigos depósitos de informações contidas em tabletes de argila, placas feitas de marfim ou madeira, denominadas como códice, papiros e pergaminhos.

Abad (2006), afirma que foi na Grécia, no período Arcaico que teriam surgido as bibliotecas públicas. Porém, essas bibliotecas públicas eram desorganizadas e não tinham função educacional ou informativa e seus acervos variavam conforme o gosto dos detentores do poder. Já Milanesi (1989), cita que haviam muitas bibliotecas públicas em Roma, em torno de 370, no ano de 47 a.C.

A mais famosa biblioteca da Antiguidade estava localizada em Alexandria. Criada por Ptolomeu, no século III a. C., formada por dois edifícios, nos quais foram colocadas estantes com nichos para organizar os papiros, salas de leitura, investigação, um horto, zoológico, observatório astronômico e sala de disseções (MARTINS, 2001).

Figura 1 - Parte anterior da biblioteca de Alexandria



Fonte: Wikipédia, acesso em: 12/2020.

Chassot (2002) relata que, para manter as coleções da biblioteca de Alexandria os faraós Ptolomeus ordenavam que os livros que fossem encontrados com viajantes, principalmente os que chegavam de navio, deveriam ser levados à biblioteca para que fossem feitas cópias dos mesmos, o livro original ficava em poder da biblioteca, o nome do proprietário original era inscrito num registro, e a cópia era entregue ao proprietário.

A Biblioteca de Alexandria não era uma biblioteca pública, era uma biblioteca real, com mais de 700 mil manuscritos, sendo a maioria obras únicas da Antiguidade. Os livros sagrados dos hebreus foram traduzidos na biblioteca, este foi um dos marcos mais importantes da história da humanidade, pois “[...] permitiu a propagação do judaísmo entre os gentios e o estabelecimento do cristianismo” (MARTINS, 2001, p. 75).

Em decorrência das guerras, da negligência e do receio dos detentores do poder, a biblioteca de Alexandria foi destruída, em 646 da Era Cristã (CHASSOT, 2002).

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), juntamente com o governo do Egito, em 1998, reconstruíram a Biblioteca de Alexandria, com 85 mil m² e capacidade para mais de 8 milhões de exemplares.

Goulemot (2011), considera a biblioteca de Alexandria a primeira biblioteca pública criada.

Até o período da Renascença não houveram muitas transformações nas bibliotecas, as mesmas continuavam sendo administradas por religiosos. Só a partir do século XVI começaram as transformações. As bibliotecas tornaram-se públicas, laicas e abertas à comunidade, levando, assim, informação para diversas camadas da sociedade. Assim as bibliotecas foram perdendo as características religiosas, tornando-se uma instituição ao alcance de todos, como cita Martins (2001, p. 323):

[...] a se transformar num instrumento de trabalho posto ao alcance de todas as mãos; assim como toda a vida social submete-se cada vez mais a 'documentos' e não a 'dogmas', a 'contratos' e não a 'mandamentos', a 'crítica' e não a 'revelações' [...].

Segundo Moraes (1983), as bibliotecas públicas nos moldes como conhecemos hoje, teriam surgido no século XIX, fomentadas pelo choque de ideologias políticas e pelas ideias democráticas. Nos Estados Unidos, o movimento bibliotecário surgiu da necessidade do povo em ter bibliotecas, que foram construídas pela união e força das comunidades.

Segundo Moraes (1983, p. 25), nos Estados Unidos da América do Norte as primeiras bibliotecas públicas eram, em geral, superintendidas:

[...] por um *board*, eleito pelo povo ou nomeado pelo prefeito. Desse comitê não faz parte exclusivamente gente entendida em livros. E muitas vezes composto de homens de negócios, de pessoas habituadas a administrar, gente prática, enfim. Ao *board* compete obter, no orçamento da cidade, a verba geral para a biblioteca. Uma vez obtida essa verba, nomeia o bibliotecário. Este tem plena e ampla autonomia, age sem restrições burocráticas e presta contas mensalmente ao comitê que o controla e guia. Todos os seus atos (nomeação do pessoal, designação de ordenados, emprego de verbas, etc.) são rigorosamente controlados. Os empregados da biblioteca eram escolhidos segundo seus títulos técnicos e culturais e sobretudo mediante as suas qualidades pessoais. Os americanos dão importância enorme às qualidades pessoais, independente das outras. Para um chefe de serviço, entrará em conta sua capacidade de *leadership*, a sua capacidade realizadora; para um empregado que tem que lidar com o público valerá muito a simpatia pessoal, a afabilidade, e assim por diante. Graças a esse método, ninguém espera por um livro e ninguém é recebido com maus modos. Existe nas bibliotecas americanas uma atmosfera de amabilidade, de cooperação para com o leitor, que não se encontra igual em outro país.

Essa citação explicita o sucesso das bibliotecas públicas americanas e um interessante modelo a ser seguido. Porém, é necessário que haja muita organização para que esse método funcione, o que dificultaria a implementação desse sistema no nosso país.

A ideia de biblioteca pública surgiu verdadeiramente em meados do século XIX, nos Estados Unidos, através do movimento em benefício da educação para toda a sociedade, liderado por Horace Mann e Henry Barnard, educadores que almejavam uma educação acessível e de qualidade para todos. É importante ressaltar que nesse período já haviam bibliotecas em todas as escolas. (FONSECA, 1981).

Em relação ao movimento de Mann e Barnard, cita-se que:

[...] o programa nacional de educação somente se completaria com o estabelecimento de bibliotecas para todo o povo, por eles enfaticamente consideradas como “a glória suprema de nossas escolas públicas (FONSECA, 1981, p. 7),.

Vemos que a criação de bibliotecas foi uma caminhada árdua e que teve apoio de benfeitores e educadores que visam uma educação de qualidade e cultura acessível à toda sociedade.

2.1.1 História da Biblioteca no Brasil

A História da Biblioteca no Brasil caminha lado a lado com a história da Educação e todos os seus percalços, conduzida pela forma de colonização, pelas crenças impostas e pela classe dominante. No período Colonial no Brasil os livros eram escassos, pois Portugal proibia a tipografia no país e devido a censura da Inquisição Católica¹, só a partir do século XVIII começa-se uma vida cultural significativa (SANTOS, 2010).

A cultura católica, pela qual fomos influenciados por muitos séculos, nos trouxe prejuízos educacionais, principalmente no campo da informação, já que os detentores do poder não incentivavam a leitura e até mesmo a interpretação da Bíblia. Isso ocasionou no analfabetismo duradouro na nossa sociedade. Diferente do que acontecia em países nos quais as igrejas protestantes estavam inseridas, pois os fiéis eram incentivados a ler, mesmo com restrições.

Durante o período colonial pouco foi feito pela educação no Brasil. Esta tarefa ficou sob os cuidados das Ordens Religiosas, ou seja, pela Igreja Católica. Vieram para o Brasil diversas ordens religiosas, com destaque especial para os jesuítas, que

¹ Inquisição Católica no Brasil aconteceu na segunda metade do século XVIII, vigorada na década de 1590, sendo um instrumento de controle e coordenação da conduta católica. Nesse período mais de 500 pessoas foram acusadas de disseminar o judaísmo. As práticas de rituais e manifestações culturais dos povos africanos e indígenas iam contra os preceitos católicos (MUNDO EDUCAÇÃO, 2020).

aqui implementaram escolas com seus métodos de ensino e seus programas, de acordo com a importância e conforme os educandos: leigos ou futuros sacerdotes. O ensino era concentrado no catecismo, com o objetivo de propagar a fé e a obediência. Implementando duas categorias de ensino no Brasil, sendo a simples primária para os índios e filhos de portugueses e a educação média para os meninos brancos, determinando assim o acesso à educação para uns mais e a outros menos (OLINDA, 2003)

Após a expulsão dos Jesuítas em 1759 por Marquês de Pombal, a educação sofreu ainda mais, pois não haviam profissionais capacitados para substituir os Jesuítas, pessoas semianalfabetas ministravam as aulas sem qualquer qualificação, principalmente pedagógica.

Após a queda do Marquês de Pombal a educação no Brasil passou por mudanças significativas. Com a chegada da Coroa Portuguesa ao Brasil no final do século XVIII a educação passou a ser administrada pela burocracia civil, militar e eclesiástica.

Suaiden (2000) relata que, o poder aquisitivo era o que definia o acesso à informação no Brasil. No período colonial os esforços para facilitar o acesso à educação eram isolados, pois, só os dominantes do poder eram que tinham prioridade a cultura e a educação. Vemos que nesse período a educação era bem atrasada e havia pouco progresso. Poucos brasileiros eram desenvolvidos intelectualmente e tinham conhecimento, principalmente de ciência política. Frieiro (1981, p. 47) cita, “[...] podia-se afirmar que tal ciência, em qualquer parte, sempre fora privilégio de poucos, e também o era de uma minoria no Brasil daquele tempo”.

No período Colonial poucas pessoas possuíam livros e estes residiam, em sua maioria, nas cidades de Minas Gerais. Martins (2002) afirma que, as bibliotecas mineiras eram determinadas pelo grau intelectual e das escolaridades dos proprietários, sendo eles advogados, padres e cirurgiões. As bibliotecas que tinham mais destaque era a do D. Frei Domingos da Encarnação Pontenel, com 1.066 volumes e 412 títulos, entre obras sacras, de ciências e ilustração. E, outra biblioteca em destaque, era a de Cláudio Manuel da Costa, com 383 volumes, sendo a maioria na área de direito. Padre Francisco Agostinho Gomes possuía a maior e melhor biblioteca da Bahia, com milhares de livros. No Rio de Janeiro a biblioteca de João Mendes da Silva, advogado, tinha 250 volumes, dentre eles 150 de Direito. A de Silva Alvarenga possuía mais de 1576 volumes.

No período do Brasil Colônia, os livros se concentravam nos Conventos, em particular dos padres da Companhia de Jesus. Jesuítas instalaram uma biblioteca em Salvador, no final do século XVI. As bibliotecas dos Conventos eram os centros de cultura e formação intelectual dos jovens brasileiros, até metade do século XVIII.

Em São Paulo, duas bibliotecas conventuais eram destacadas: a de São Francisco e a de São Bento.

Com a extinção da Companhia de Jesus, em 1773, e a expulsão dos jesuítas do Brasil, os acervos das Bibliotecas Jesuítas foram amontoados em lugares impróprios por anos, isso até o ano de 1851, quando Gonçalves Dias ficou responsável por examinar o que havia sobrado das bibliotecas dos conventos, o mesmo relatou que pouco se podia aproveitar (SOUZA, 2005).

A chegada da Família Real Portuguesa, juntamente com a transferência da Real Biblioteca, deu início a futura Biblioteca Nacional, tendo em seu acervo 60 mil peças, entre manuscritos, livros, mapas, estampas, medalhas e moedas. Inaugurada em 13 de maio de 1811 nas instalações do Hospital da Ordem Terceira do Carmo, onde apenas estudiosos, mediante prévia solicitação, poderia frequentá-la. Em 1814, tendo como “prefeitos” Frei Gregório José Viegas e Frei Joaquim Dâmaso, a biblioteca foi aberta ao público. Denominada Biblioteca Nacional após a Independência do Brasil. (MORAES, 1979).

A primeira Biblioteca Pública do Brasil, foi a Biblioteca da Bahia. Fundada em 1811 por iniciativa de um senhor de engenho, Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco e um grupo de homens cultos e inteligentes, que tinham como hábito ler livros franceses, maçônicos, de políticas e ideias filosóficas, na administração de D. Marcos de Noronha e Brito que emprestou 4 mil livros para o acervo da biblioteca (MORAES, 1979).

Manifestos foram criados e divulgados pelo mundo, com objetivo de diminuir os impactos das más administrações bibliotecárias e para mostrar a importância dessa instituição, como em 1949 a *United Nations Educational, Scientific and Organization* - UNESCO e a *International Federation of Library and Institutions* - IFLA que promoveram o Manifesto da IFLA\UNESCO, conforme lemos a seguir:

A liberdade, a prosperidade e o desenvolvimento da sociedade e dos indivíduos são valores humanos fundamentais. Só serão atingidos quando os cidadãos estiverem na posse da informação que lhes permita exercer os seus direitos democráticos e ter um papel ativo na sociedade. A participação construtiva e o desenvolvimento da democracia dependem tanto de uma

educação satisfatória, como de um acesso livre sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação. A biblioteca pública – porta de acesso local aos conhecimentos – fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais. Este Manifesto proclama a confiança que a UNESCO deposita na Biblioteca Pública, enquanto a força viva para a educação, a cultura e a informação, e como agente essencial para a promoção da paz e do bem-estar espiritual nas mentes dos homens e das mulheres. Assim, a UNESCO encoraja as autoridades nacionais e locais a apoiar ativamente e a comprometer-se no desenvolvimento das bibliotecas públicas (MANIFESTO IFLA\UNESCO SOBRE BIBLIOTECAS PÚBLICAS 1994, p. 1).

O Manifesto IFLA\UNESCO mostra como a biblioteca é importante para a humanidade, sendo este um local de informação de todos os gêneros e que deve estar sempre acessível a todo tipo de usuário, sem qualquer preconceito e respeitar suas necessidades. Lembrando que este manifesto também se refere à isenção ideológica, política ou religiosa ou de pressões comerciais. Outros manifestos e declarações foram lançadas após o Manifesto IFLA\UNESCO: Declaração de Copenhagem (1999), Glasgow Declaration on Libraries, Information Services and Intellectual Freedom (2002), Manifesto de Alexandria sobre Bibliotecas: a sociedade da informação em ação (2003), entre outras (RIBEIRO, 2008).

A história da biblioteca se relaciona com a história do conhecimento humano e com a cultura. Porém, vemos que a biblioteca não é um fenômeno social e cultural, mas uma instituição importante para a sociedade, sendo um dos principais sistemas de comunicação humana, preservando e transmitindo cultura, difundindo experiências desenvolvidas.

As Bibliotecas Escolares até os anos de 1870 estavam concentradas em escolas particulares e conventos, associadas ao conceito religioso. Acessadas apenas por pessoas com status econômicos e sociais privilegiados (SILVA, 2011).

A primeira BE, nos moldes que conhecemos, surgiu em 1880 na Escola Normal Caetano de Campos, em São Paulo. E em 1894 a Biblioteca do Ginásio do Estado da Capital foi inaugurada. Só a partir dos anos de 1930/40 é que foram criadas novas bibliotecas escolares, fruto de reformas educacionais propostas por Fernando de Azevedo (1927-1930) e Anísio Teixeira (1931-1935) com a “Escola Nova”, ganhando, assim, força e legitimidade na educação brasileira (SILVA, 2011).

As mudanças efetuadas no campo mais amplo da Biblioteconomia combinavam-se a iniciativas de natureza mais propriamente educacional de grande visibilidade. No Rio de Janeiro, surgiram, em 1932, a Biblioteca Central de Educação (chefiada por Armando de Campos); e, em 1934, da Biblioteca Infantil (dirigida por Cecília Meireles); ambas durante a reforma

educacional de Anísio Teixeira. Em São Paulo foram inauguradas, em 1931, a Biblioteca Pedagógica Central (sob responsabilidade de Achilles Raspantini); e, em 1936, a Biblioteca Infantil Municipal (a partir de 1955, denominada Biblioteca Infantil Monteiro Lobato), gerida por Lenyra Fraccaroli até sua aposentadoria em 1961. A primeira foi normatizada pela reforma Lourenço Filho; a segunda pela administração Mario de Andrade do Departamento de Cultura (VIDAL, 2014, p. 500).

Em 1946 a Constituição apresenta, novamente, a obrigatoriedade escolar, aperfeiçoando a política nacional de educação. Em janeiro deste mesmo ano foram instituídas as Leis Orgânicas do Ensino Primário e do Ensino Normal. Pertencentes ao conjunto de leis de 1942 a 1946 ficando conhecidas como Reforma Capanema. Assim essas reformas reorganizaram o sistema educacional brasileiro com o objetivo de estabelecer uma política nacional para a educação (BEIRITH, 2019).

Eggertsteindel e Fonseca (2010) afirmam que, nas décadas de 1930 e 1940 a reforma educacional contemplou a BE, impulsionando o processo de ensino-aprendizagem e estimulando o gosto pela leitura. Mas foi na década de 1950 que marcou a criação das bibliotecas escolares no país.

Porém, durante as décadas de 1930 e 1980, observa-se uma ausência de política nacional que, de forma específica, que beneficie a BE, acontecendo apenas ações isoladas, devido à falta de incentivo governamentais. Podendo ser observada na Lei que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 4.024/1961 – 1ª Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (Brasil, 1961) e na Lei de Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus n. 5.692/1971 (Brasil, 1971), que representam um marco importante na história da educação, porém que não há menção das palavras livro, biblioteca e leitura.

Na década de 1970 com a reforma do ensino de 1º e 2º graus, por meio do Programa de Expansão da Melhoria do Ensino Médio (PREMEM)², é que promoveu mudanças bem significativas para a BE, aprofundando seu papel na educação. De acordo com Polke (1973), os documentos governamentais mencionam diretamente a BE:

As instalações para ciência e para biblioteca, a serem colocadas em cada escola, são a base para modernização do currículo e do ensino, tanto no que toca às humanidades como às ciências, e servirão de fonte de recursos educacionais a um programa equilibrado (PREMEM, p. 8 apud POLKE, 1973, p. 5).

² PREMEM: "Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio" - PREMEM - com o objetivo especial de incentivar o desenvolvimento quantitativo, a transformação estrutural e o aperfeiçoamento do ensino médio.

Assim, após a reforma do ensino, anteriormente mencionada, as bibliotecas escolares passam a ser incluídas no plano de ensino escolar. Ficando sob a responsabilidade do Estado Brasileiro a distribuição de livros e construções adequadas de bibliotecas escolares.

Na década de 1990, com a criação da Lei 9.394/1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 2ª LDB (Brasil, 1996) e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (Brasil, 1997), que é possível observar algumas políticas em nível nacional que abordem parâmetros de desenvolvimento da BE no país, contemplando esse espaço como local de aprendizado e incentivo à leitura, colocando em foco a valorização e a preservação da cultura, para a “[...] formação de um cidadão consciente da importância dos diversos acervos culturais, museus, galerias de arte, bibliotecas e arquivos e da necessidade de frequentá-los” (CAMPELLO, 2008, p. 18).

Para a distribuição e socialização de livros e bibliotecas escolares, foram implementados programas e projetos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – Língua Portuguesa, Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE)³, a Lei 12.224 e o Projeto de Lei do Senado nº 28, de 2015, que instituiu a política nacional de bibliotecas.

Os PCN's têm como objetivo traçar o caminho para a renovação e organização curricular das escolas do Brasil. Sendo um referencial para auxiliar a formação da criança como um cidadão crítico e capaz de exercer seu papel na sociedade (BRASIL, 1997).

Para que a cidadania seja exercida é necessário que a escola forneça condições para o uso da linguagem. Assim, a proposta dada pelos PCN's de uma diversidade textual, corrobora para transformar a criança em um leitor competente, mediante uma prática constante de leituras diversas, capaz de utilizar diferentes meios de informação e recursos tecnológicos com a finalidade de construir e obter conhecimentos (BRASIL, 1997).

Através dos PCN's a BE passa a ser vista como um espaço de aprendizagem de continuidade da sala de aula, como um meio de desenvolvimento de habilidades intelectual e cultural (CAMPELLO; SILVA, 2000).

³ O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência (BRASIL, 2018).

Diversos volumes dos PCN trazem a biblioteca como um ambiente de aprendizagem permanente, ao quais alunos e professores vão recorrer ao longo da vida. Assim, os PCN também enfatizam a necessidade de: Orientação dos alunos para a aprendizagem de procedimentos de utilização de bibliotecas (empréstimo, seleção de repertório, utilização de índices, consulta a diferentes fontes de informação, seleção de textos adequados às suas necessidades, etc.) (BRASIL, 1997, v. 2, p. 62 e 120).

Os PCN's demonstram a relevância da BE, enfatizando a importância de investimento na biblioteca, para que essa se torne um organismo escolar e que esteja no centro da ação pedagógica (CAMPELLO; SILVA, 2000).

O PNBE foi desenvolvido em 1997, com o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura na comunidade escolar, através da distribuição de obras de literatura, pesquisa e referência. Sendo o atendimento realizado de forma alternada para escolas de ensino infantil, fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos ou escolas de ensino fundamental (anos finais) e médio. Atualmente, o atendimento é universal e gratuito para as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar (MEC, 2020).

O PNBE é dividido em três ações: Literário, avaliando e distribuindo as obras literárias, no qual as obras são compostas por textos em prosa (romãs, contos, crônica, memórias, biografias e teatro); em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de história em quadrinhos e livros de imagens; Periódicos que avaliam e distribuem conteúdos didáticos e metodológicos para as escolas de educação básica; e o PNBE do Professor, com o objetivo o apoio as práticas pedagógicas dos professores, através da avaliação e distribuição de material literário de base teórico e metodológico (MEC, 2020).

A apropriação e o domínio do código escrito contribuem significativamente para o desenvolvimento de competências e habilidades importantes para que os educandos e educadores possam transitar com autonomia pela cultura letrada. O investimento contínuo na avaliação e distribuição de obras de literatura tem por objetivo fornecer aos estudantes e seus professores material de leitura variado para promover tanto a leitura literária, como fonte de fruição e reelaboração da realidade, quanto a leitura como instrumento de ampliação de conhecimentos, em especial o aprimoramento das práticas educativas entre os professores (MEC, 2020, p. 1).

Já a Lei 12.224 que prevê a universalização de bibliotecas escolares em todas as instituições de ensino de todo o Brasil, sendo elas públicas ou particulares, assim como a distribuição de acervos e da organização das mesmas, conforme as informações a seguir:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas, nos termos desta Lei.

Art. 2º Para os fins desta Lei, considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura.

Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.

Art. 3º Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis nºs 4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. (BRASIL, 2010).

A publicação da Lei ora mencionada, foi fruto do esforço de profissionais da área, bibliotecário, que reclamavam por anos da falta de bibliotecas nas escolas e da precariedade das poucas que existem, esta situação está relatada em diversos estudos (CAMPELLO et al, 2012).

Ainda em tramitação o Projeto de Lei do Senado nº 28, de 2015, de autoria do Senador Cristovam Buarque, que institui a Política Nacional de Bibliotecas, propõe a normalização de conceitos de bibliotecas – públicas, escolar, especializada, universitária, comunitária, nacional e especial, e seus acervos – além das responsabilidades do Estado para com elas, encontra-se desde 06/2019 pronto para pauta da Comissão de Assuntos Econômicos. Tendo o, então, o relator, Senador José Serra, apresentado relatório favorável ao projeto com uma emenda de sua autoria (SENADO FEDERAL, 2020).

Ao longo dos anos a BE passou por várias modificações e contratempos, vendo sua trajetória desde a quase extinção no período colonial à criação de projetos e leis com objetivo de reconhecer e valorizar esta instituição. Com o propósito de torná-la um espaço acessível, com materiais diversos e variados gêneros textuais, gerando condições para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, desde a educação infantil até a universidade, proporcionando aos seus usuários um acervo atualizado e diversificado, com a capacidade de suprir suas necessidades acadêmicas e de leitura para entretenimento.

Para Campello (2008), a biblioteca é um ambiente que deve proporcionar o gosto e o prazer à leitura, através do acesso aos livros, assim a escola necessita estimular o uso contínuo desse espaço pelos alunos incentivando a leitura. A história da BE no Brasil está no início, as leis e decretos em relação a esse espaço ainda

precisam ser aplicadas de forma concreta, além da necessidade de ajustes para a realidade atual.

2.2 O SISTEMA DE INFORMAÇÃO E A BIBLIOTECA ESCOLAR

É na BE que o Sistema de Informação se transforma em aquisição de conhecimento. A Biblioteca é responsável pela criação e fornecimento de serviços e produtos de informação para seus usuários (MACGARRY, 1999). Sua característica maior é armazenar e disseminar a informação, independente, da localização física e geográfica (RAMOS, 2003). Porém, para que o Serviço de Referência e Informação aconteça, é necessário que haja um profissional habilitado, capaz de suprir as necessidades dos usuários.

O Serviço de Referência e Informação (SRI), surgiu com o objetivo de tornar a interação entre o profissional e o usuário, proporcionando resultados satisfatórios, tendo como referência o bibliotecário, que irá auxiliar, responder questões, através de seus conhecimentos técnicos profissionais (MACEDO, 1999).

Costa e Ramalho (2010, p. 60) destacam que “[...] os indivíduos sociais são movidos pelas suas necessidades e buscam informação para sua sobrevivência, continuidade, envolvimento, evolução e autorrealização”. Por isso, a importância do bibliotecário no momento da busca por informação, além das técnicas no SRI e tendo interação com o usuário, o profissional saberá qual é o perfil do usuário, suas motivações e necessidades informacionais, levando-o ao que almeja.

É necessário ressaltar a importância do profissional da informação, pois esse tem a responsabilidade social de disseminar a informação de forma completa ou total, com o objetivo de suprir as necessidades dos usuários da sua biblioteca, mediando e interagindo em diferentes setores e de diversas formas. Como colocam Júnior e Neto (2014, p. 101):

É fundamental que o mediador bibliotecário e suas características sejam exploradas em toda sua potencialidade, é necessário que este profissional acredite e internalize o seu papel transformador em todos os ambientes dentro de uma biblioteca/instituição.

Assim, percebemos como esse profissional atua no âmbito social, reconhecendo seu valor e possibilidades de ajudar o público da biblioteca de forma direta ou indireta, colaborando com o enriquecimento do conhecimento. Para Dias et

al (2004), a informação é a base para que o cidadão participe das mudanças na realidade social, organizacional e na sua própria realidade. E Silva (2004) afirma que, para que haja significado a informação deve ser convertida em conhecimento, quando o indivíduo liga esse conhecimento a outras informações. Assim, entendemos que a informação faz uma conexão com os conhecimentos já adquiridos.

O Sistema de Informação são componentes que devem estar relacionados para processar e distribuir a informação, podendo ser manual ou digital. Porém, sempre haverá a necessidade de profissionais que irão conceber, programar, gerenciar, executar e manter o sistema, tornando-o utilizável. Sua função é filtrar a informação de qualidade, gerando conhecimento, de fácil acesso e confiável para aqueles que o buscam. O bibliotecário, será o mediador que tornará o uso do sistema claro e minimizando as dificuldades para utilizá-lo.

Os Sistemas de Informação estão cada vez mais presentes nas bibliotecas, por isso a importância de treinamentos e a implementação de políticas públicas (REYNOLDS; STAIR, 2002). Muitos usuários necessitam do auxílio do bibliotecário na busca de informações. Lembrando que o sistema foi projetado para satisfazer as necessidades dos usuários.

Oliveira (2004) esclarece que, tais sistemas dificultam as pesquisas não são eficazes, mesmo que esse apresente elegância técnica e eficácia no processamento de dados, conforme afirmam Garcez e Rados (2002): é necessário conhecimento sobre o assunto a ser pesquisado, do sistema e da bibliografia, devendo ser realizado pelo usuário ou o bibliotecário, que devem estar sintonizados ao sistema, havendo assim, eficácia e eficiência de uso.

Para que haja dinamismo no espaço da biblioteca é importante que o bibliotecário seja o orientador e executor do sistema de informação, garantindo ao usuário a efetiva comunicação e satisfação da sua necessidade de informação (TARAPANOFF et al, 2002).

Campello (2003) relata que, a partir do desenvolvimento dos serviços de referência e da educação de usuários a função educativa da biblioteca começou a ser explorada, incentivando uma prática pedagógica mais dinâmica e participativa, promovendo modelos que exigiam uma mudança de postura do profissional bibliotecário. Essas mudanças aconteceram em relação a formação para uma posição educadora da biblioteca e do bibliotecário com o objetivo de levar esse espaço a participar mais ativamente do planejamento curricular.

Segundo Campello (2003, p. 30):

Percebia-se que as bibliotecas, na sua função de repositório da cultura ou local de desenvolvimento da apreciação da leitura literária, embora desempenhassem papéis importantes, não se mostraram capazes de atender a todas as necessidades identificadas como cruciais para a sobrevivência e a realização em um mundo extremamente complexo, abundante em informação.

Para Dudziak (2003), a BE é um espaço no qual recursos e ferramentas são utilizados para a construção do conhecimento, sendo este construído através da busca e do uso da informação “[...] de maneira integrada ao currículo, cuja filosofia via biblioteca como elemento-chave na educação” (DUDZIAK, 2003, p. 27).

Campello (2003) evidencia em seus estudos a necessidade de colocar a biblioteca e seus profissionais em destaque, tanto em relação às práticas educativas, como às políticas públicas para a educação. As bibliotecas têm buscado organizar novas formas para estar mais próximo ao seu usuário, levando um serviço de busca e posteriormente de educação, essas ações fortalecem seu papel educativo.

O Sistema de Informação auxilia na forma como o usuário seleciona, avalia e utiliza adequadamente as fontes de informação levando-o para a construção do próprio conhecimento

2.3 BIBLIOTECA ESCOLAR

A BE é o contato mais próximo do aluno com a leitura e os Sistemas de Informação. É o espaço no qual realizará pesquisas, leituras diversas, contato com a cultura e acesso a informação. A Federação Brasileira de Bibliotecários e Cientistas da Informação (FEBAB) define a BE, como um instrumento que está inserido no contexto escolar com o objetivo de colaborar com o processo de ensino aprendizagem, de acordo com a citação a seguir:

A biblioteca escolar é uma instituição do sistema social que organiza materiais bibliográficos, audiovisuais e outros meios e os coloca à disposição de uma comunidade educacional. Constitui parte integral do sistema educativo e participa de seus objetivos, metas e fins. É um instrumento de desenvolvimento do currículo e permite: fomento da leitura, a formação de uma atitude científica; constitui um elemento que forma o indivíduo para a aprendizagem permanente; estimula a criatividade e fornece aos docentes a informação necessária para a tomada de decisões em sala de aula (FEBAB, 1985, p. 2).

O manifesto “A Biblioteca Escolar no Ensino e Aprendizagem para Todos”, de

1999, aprovado pela IFLA e a UNESCO, afirma que:

A biblioteca escolar propicia informação e ideias fundamentais para o sucesso de seu funcionamento na atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve sua imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis (UNESCO, 2000, p. 2).

É função da BE oferecer subsídios para a aprendizagem, através de livros e recursos a todos da comunidade escolar, possibilitando que se tornem cidadãos críticos e efetivos usuários da informação (UNESCO, 2000). É um espaço que proporciona mais do que acesso à leitura, desempenha um papel relevante no processo de formação dos alunos.

[...] a biblioteca escolar serve de suporte aos programas educacionais, atuando como um centro dinâmico, participando, em todos os níveis e momentos, do processo de desenvolvimento curricular e funcionando como laboratório de aprendizagem integrado ao sistema educacional (CÔRTE, 2011, p. 6).

Assim, constatamos que a BE funciona como um espaço de promoção da aprendizagem, na qual podemos encontrar um acervo organizado, com profissionais especializados, fontes de informação e meios de incentivo à leitura.

Um importante e indispensável componente da BE é o bibliotecário. Sobre o exercício da função bibliotecário, a Lei N. 9.674, de 26 de junho de 1998, dispõe sobre o bibliotecário e sua formação e funções. A lei determina a graduação em um curso superior de biblioteconomia para o exercício da profissão, além da filiação ao conselho regional da categoria.

As leis educacionais não regulamentam as atividades desenvolvidas nas bibliotecas, porém há as que influenciam. Destaca-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (1996) que consolida a formação curricular mais flexível a partir de Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN's, vertente das diretrizes para regulamentar a oferta do ensino e que têm uma relação importante com as bibliotecas escolares, impactando em sua oferta de serviços e atividades. Os referenciais teóricos e curriculares nacionais (PCNs) abarcam as três etapas do ensino básico: infantil, fundamental e médio, estabelecendo eixos temáticos transversais e parâmetros de habilidades e competências a serem adquiridas em cada etapa do ensino. A BE não é citada em termos de referencial curricular, mas é apresentada como fonte de formação do senso crítico e ético (BRASIL, 1997).

Em 1997, temos a criação da política governamental, o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), com a finalidade de distribuir obras literárias e didáticas para as bibliotecas escolares, professores e alunos das escolas públicas. O PNBE não é uma política que vai suprir todas as carências da BE. Garcez (2007, p. 28) relata o que ocorre com a maioria dos livros distribuídos pelo PNBE.

Acabam sumindo pela falta de local apropriado (biblioteca), pela falta de tratamento adequado (carência de profissional bibliotecário) e pela falta de dinamização de leituras, reflexo da pouca parceria ou da pouca aproximação entre bibliotecários e professores.

O Plano Nacional de Educação (1º PNE), aprovado pela Lei n. 10.172/2001, é dividido por modalidades de ensino, prevendo vários objetivos e metas separados, especificamente, por nível de ensino. Porém a BE está presente apenas em alguns níveis e/ou modalidades:

Observamos no item 4 dos Objetivos e Metas do Ensino Fundamental:

Elaborar, no prazo de um ano, padrões mínimos nacionais de infra-estrutura para o ensino fundamental, compatíveis com o tamanho dos estabelecimentos e com as realidades regionais”, contempla de forma geral a biblioteca escolar em suas linhas “c) espaços para esporte, recreação, biblioteca e serviço de merenda escolar” e “e) atualização e ampliação do acervo das bibliotecas (BRASIL, 2001).

Citando o nível do Ensino Médio, o item 6 dos Objetivos e Metas:

Elaborar, no prazo de um ano, padrões mínimos nacionais de infra-estrutura para o ensino médio, compatíveis com as realidades regionais” também inclui a biblioteca escolar em duas linhas: “d) espaço para a biblioteca” e “h) atualização e ampliação do acervo das bibliotecas incluindo material bibliográfico de apoio ao professor e aos alunos” (BRASIL, 2001).

Ainda no nível médio temos o item 9 dos Objetivos e Metas: “[...] o compromisso de “Assegurar que, em cinco anos, todas as escolas estejam equipadas, pelo menos, com biblioteca, telefone e reproduzidor de textos” (BRASIL, 2001).

Observamos que nos objetivos há a preocupação em instalar bibliotecas nas escolas, de forma adequada e que desenvolvam atividades que corroborem com o processo de ensino aprendizagem. O nível Superior de Ensino está abordado a questão da BE, de forma superficial, em uma de suas diretrizes, e revela a intenção de garantir o direito à educação em condições igualitárias para todos.

A Educação de Jovens e Adultos também tem uma diretriz que aborda a questão da BE, deixando evidente a sua importância no processo de ensino-

aprendizagem e formação da sociedade.

Mesmo diante das ações governamentais para enfrentar os problemas educacionais é necessário que toda a sociedade contribua para que os déficits na educação sejam erradicados. Através de oportunidades que enriqueçam os conhecimentos culturais. A responsabilidade para que as metas sejam colocadas em práticas é necessário um esforço nacional, partilhada pela União, os Estados e o Distrito Federal, os Municípios e a sociedade organizada

Assim, as metas que se seguem, imprescindíveis à construção da cidadania no País, requerem um esforço nacional, com responsabilidade partilhada entre a União, os Estados e o Distrito Federal, os Municípios e a sociedade organizada (BRASIL, 2001).

A última modalidade de ensino apresentada no PNE/2001 é a Educação Indígena, abordando a BE em seus Objetivos e Metas números 10 e 11, conforme segue:

10. Estabelecer um programa nacional de colaboração entre a União e os Estados para, dentro de cinco anos, equipar as escolas indígenas com equipamento didático pedagógico básico, incluindo bibliotecas, videotecas e outros materiais de apoio.

11. Adaptar programas do Ministério da Educação de auxílio ao desenvolvimento da educação, já existentes, como transporte escolar, livro didático, biblioteca escolar, merenda escolar, TV Escola, de forma a contemplar a especificidade da educação indígena, quer em termos do contingente escolar, quer quanto aos seus objetivos e necessidades, assegurando o fornecimento desses benefícios às escolas (BRASIL, 2001).

As políticas educacionais ainda precisam abordar com mais impacto a importância da BE na formação do cidadão, mesmo que esta seja apontado no Plano Nacional de Educação, ainda temos um caminho a percorrer e mudanças para fazer em relação à BE.

O documento adotado como parâmetro para a organização e funcionamento de bibliotecas escolares brasileiras é denominado “Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para bibliotecas escolares” (CAMPELLO, 2010). O Manifesto da IFLA/UNESCO acima citado também é um documento importante no sentido de estabelecer parâmetros e objetivos para as bibliotecas escolares.

Com a Lei 12.224 sancionada em 2010, determina a implantação de bibliotecas em todas as instituições educacionais, sendo públicas ou privadas, tendo obrigatoriedade um acervo com, no mínimo, um livro por aluno matriculado (Brasil,

2010). A Lei também enfatiza a questões relacionadas ao acervo da biblioteca e qualificação do profissional que prestará serviços na biblioteca. O bibliotecário, profissional que atua na BE, deve ser graduado em curso superior de biblioteconomia. A biblioteca pode ainda contar com auxiliares de biblioteca, cuja formação superior não é exigida.

É importante esclarecer que a biblioteca não é composta, somente, por acervo e serviços para os usuários, ela atua como parte integrante do processo educativo e na contribuição efetiva de fornecer aprendizagem aos estudantes. Segundo Campello (2012, p. 16):

É necessário mudar nosso discurso da miséria da biblioteca escolar para o do potencial da biblioteca escolar; expandir a ideia da biblioteca apenas como promotora da leitura para promotora da aprendizagem. Mostrar que, se para aprender a lidar com computadores e com o mundo digital os alunos precisam dispor de laboratório de informática, para aprender a pensar também precisam de laboratório, e esse laboratório é a biblioteca.

A BE não está inserida no contexto escolar apenas como um serviço, mas como parte integrada às propostas curriculares e deve compor o processo de ensino aprendizagem.

2.2.1 Evolução Teórica dos Estudos sobre Usuário de Biblioteca

O estudo sobre os usuários de bibliotecas tem como finalidade avaliar e identificar os pontos forte e fracos das bibliotecas e seus acervos, além de pontuar como os alunos fazem uso da BE. Trabalhos científicos apresentados por Urguhart e Bernal, em 1948 na cidade de Londres, na *Royal Society Scientific Information Conference*, abriram novas perspectivas de estudos sobre os usuários da informação, colocando em foco as ações dos usuários em relação a pesquisas nas bibliotecas, centro de documentação, arquivos e a outros usuários. Os trabalhos antes realizados possuíam a mesma estrutura de pesquisa no modelo positivista⁴, sendo um modelo de pesquisa que transpõe do mesmo modelo de pesquisa das ciências naturais (exatas e biológicas) (TERUEL, 2005).

Neste método os cientistas podem determinar, em termos matemático, as taxas de uso de informação (de recursos, fontes, serviços ou sistemas de informação),

⁴ O positivismo é uma corrente filosófica do século XIX que aposta na ordem e na ciência para a obtenção de progresso social. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/positivismo.htm>

decompondo-as em taxas por características sociodemográficas dos usuários e avaliar a funcionalidades dos serviços ou sistemas, colaborando para a formulação de leis que garantam a formulação de um conhecimento que proporcione a previsão de um comportamento futuro dos fenômenos. Assim, A Ciência da Informação é entendida como um “conteúdo objetivo”, o qual o conhecimento da informação é um suporte material.

No *The Copenhagen Conference Theory and Application of Information Research* (Dinamarca – 1997), consolidou o estudo da Ciência da Informação como um “paradigma cognitivo”, ou seja, a informação deixa de ser apenas um dado material para ser um dado que se altera ou se modifica dependendo do estado de conhecimento do indivíduo que se apropria ou o utiliza.

Com o passar dos anos os estudos sobre usuários foram se modificando e se modernizando, sempre na perspectiva cognitiva, passando pela abordagem construtivista. E na década de 1980, Tom Wilson, propôs que a ampliação do foco dos estudos de usuários, passando a estudá-los em suas diversas ações informacionais, e momentos de necessidade de informação, como acontece a busca e a interação com as diversificadas fontes, sistemas, recursos e serviços (ARAUJO, 2013).

Em 1991, no encontro internacional I CoLIS – *International Conference on Conceptions of Library and Information Science*, ocorrido em Tampere, na Finlândia, deu início a uma nova visão em relação aos estudos, deixando de ser apenas estudado de forma única e individualizada, passando a ser um estudo da coletividade, contextualizando com os fatores políticos, econômicos, culturais, tecnológicas, entre outros.

Diante das mudanças ocorridas nos estudos de usuários a conferência ISIC (*Information Seeking in Context*) consolida o novo método de estudo que tem como finalidade contextualizar, como já descrito anteriormente, apontando a harmonia entre os estudos de usuários e paradigma social da Ciência da Informação (ARAUJO, 2013).

No Brasil, os estudos de usuários tiveram início em 1970, com abordagem tradicional, evidenciando apenas o indivíduo. Sendo, esse modelo de estudo, duramente criticado por Lima (1994), que sugestionava a necessidade de “alternativas teóricas”. Porém, só em 1995, um ano depois, Ferreira deu início a abordagem *sense making de Dervin*, trazendo a perspectiva cognitiva aos estudos de usuário no Brasil, e logo após, com incentivo do trabalho de Choo (2003) propôs um modelo integrativo

ao uso da informação. Atualmente os estudos avançaram consideravelmente na área da Ciência da Informação, seguindo rumo ao paradigma social/pragmático (ARAÚJO, 2010).

2.2.2 A Biblioteca Escolar na Sociedade da Informação

A utilização dos meios de informação deve proporcionar a aprendizagem e autonomia dos educandos. A grande acessibilidade de informações torna indispensável o desenvolvimento do conhecimento específico para que sejam usadas, em seus diferentes suportes, de forma consciente e significativa.

Para Lara (2007), a Sociedade da Informação (SI) é essencial para mudanças significativas para uma sociedade baseada na informação e no conhecimento, influenciando diretamente a educação.

[...] educar em uma sociedade da informação significa muito mais que treinar as pessoas para o uso das tecnologias de informação e comunicação: trata-se de investir na criação de competências suficientemente amplas que lhes permitam ter uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, tomar decisões fundamentais no conhecimento, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, bem como aplicar criativamente as novas mídias, seja em usos simples e rotineiros, seja em aplicações mais sofisticadas. Trata-se também de formar indivíduos para “aprender a aprender”, de modo a serem capazes de lidar positivamente com a contínua e acelerada transformação da base tecnológica (TAKAHASHI, 2000, p. 45).

A escola está intrinsecamente ligada à toda comunidade escolar, incluindo a BE e os bibliotecários, uma vez que:

O papel desempenhado pela biblioteca escolar, quanto à educação, consiste na prioridade ao aprendizado, no processo de desenvolvimento educacional e na disponibilização e utilização da informação, como um todo e para todos os seus usuários (CASTRO FILHO; PACAGNELLA, 2011, p. 97).

A BE desenvolve um papel de muita importância dentro do contexto escolar. É um espaço cultural, lúdico, no qual se pode brincar com livros e letras, ter contato com obras diversificadas, ouvir histórias, proporcionando o desenvolvimento cultural e cognitivo dos estudantes, além de possibilitar o exercício da criatividade, além de ser um espaço de apoio para a pesquisa escolar, construindo e reconstruindo o conhecimento de uma forma autônoma. (ANDRADE, 2008; CORTÊ; BANDEIRA, 2011; MAROTO, 2012).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) destacam a relevância da pesquisa

para o desenvolvimento educacional-social-ético dos estudantes:

A pesquisa, associada ao desenvolvimento de projetos contextualizados e interdisciplinares/articuladores de saberes, ganha maior significado para os estudantes. Se a pesquisa e os projetos objetivarem, também, conhecimentos para a atuação na comunidade, terão maior relevância, além de seu forte sentido ético-social. [...] A pesquisa, como princípio pedagógico, pode, assim, propiciar a participação do estudante tanto na prática pedagógica quanto colaborar para o relacionamento entre escola e a comunidade (BRASIL, 2013, p. 164).

O objetivo da BE é, além de despertar o interesse pela leitura, apoiar a pesquisa escolar, formando cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade da informação, capazes de desenvolver sua autonomia de aprendizagem. Através do uso adequado do acervo e dos recursos informacionais, apoiando as atividades e desenvolvimento de aspectos da Competência em Informação.

Além da habilidade de aprender, a sociedade da informação exige dos cidadãos um processo contínuo de aprendizagem, pois que a informação é cada vez mais efêmera e a sociedade está em processo permanente de mudanças. É o paradigma de aprendizagem contínua (FURTADO, 2004, p. 205).

Ainda, segundo a autora, a BE tem um papel importante no SI, pois contribui para a democratização ao acesso às informações, atendendo o modelo educacional que a SI demanda. Silva (1994), destaca que a BE desenvolve a formação crítica e analítica do indivíduo:

Para muito além da missão de transmitir o saber elaborado, absolutamente fundamental, acreditamos numa escola que possa formar cidadãos críticos, capazes de analisar o real e, diante dele, fazerem suas opções profissionais, culturais e políticas, de forma consciente, livre e autônoma. Para a escola desenvolver um trabalho pedagógico que tenha, no limite, tal finalidade, julgamos indispensável que o professor lance mão de novos instrumentos de ensino em acréscimo à exposição oral e o livro didático adotado. E, entre eles, a biblioteca escolar ocupar um lugar destacado, não como depósito de saber acumulado, mas sobretudo uma agência disseminadora desse saber e promotora da leitura (SILVA, 1994, p. 18).

A BE é um espaço no qual o educando pode refletir sobre as histórias ouvidas e comparar com a sua, estimular a criatividade, desenvolver e estimular a leitura e oralidade através do acesso aos diversificados materiais e suportes. Por isso, a importância do corpo docente planejar atividades objetivas dentro da BE, tornando-a um espaço dinâmico e de uso habitual. A leitura aumenta a capacidade de expressão, de crítica e de lutar pelos direitos (CAMPELLO, 2003). Outros autores também ressaltam a importância da BE na educação, principalmente no processo de ensino

aprendizagem dos estudantes, colocando em evidência esse espaço como centro de comunicação e investigação, que oferece diversidade de recursos e serviços:

A Biblioteca é uma das forças educativas mais poderosas de que dispõem estudantes, professores e pesquisadores. O aluno deve investigar, e a biblioteca é centro de investigação tanto como o é um laboratório para os cientistas (KIESER; FACHIN, 2000, p.2).

A biblioteca escolar é considerada como um centro ativo de aprendizagem, possuindo um duplo sentido: 'é ao mesmo tempo, um elemento de conservação e um centro de comunicação' (Ibid. p.19) ["sic"], mas o conceito moderno atualiza a função da comunicação, como suporte informacional (MARTUCCI; MILANI, 1999, p.79).

[...] considerada indispensável como uma das unidades dentro de qualquer instituição de ensino básico e superior, que dedica cuidados especiais ao acesso de informação a todo e qualquer cidadão, transformando-se, desta forma, como um dos mais importantes instrumentos educativos e que deve dispor de recursos pertinentes ao estabelecimento do processo de ensino-aprendizagem para a formação do educando, proporcionando meios, recursos, serviços, atividades para este fim (PINTO; OLIVEIRA, 2013, p. 215).

No processo de ensino-aprendizagem a BE é um importante suporte educacional, desenvolvendo um papel ativo no currículo da instituição na qual está inserida. Corte e Bandeira (2011, p. 6) destacam as atividades que a BE desenvolve para contribuir na formação do cidadão crítico e ativo na sociedade de forma político-social e cultural:

- Ampliar as oportunidades de educação e conhecimento dos alunos;
- Colocar à disposição dos alunos acervos e informações que complementam o currículo escolar;
- Promover e facilitar o intercâmbio de informações;
- Promover a formação integral do aluno;
- Tornar-se um ambiente social, cooperativo e democrático;
- Facilitar a ampla transmissão da arte, da ciência e da literatura;
- Promover a integração entre aluno, professor, ex-alunos e pais.

Pinto e Oliveira (2013), salientam que a BE também tem a função de contribuir para a formação do pesquisador autônomo e ativo no seu processo educacional, no qual educadores e educandos são identificados como pesquisadores, num mundo cada vez mais informatizado e informacional.

O ambiente da BE não se resume apenas num espaço de leitura, mas sim um local onde são exploradas as vivências didáticas, de grande valor pedagógico, com diversificadas fontes de informação e com profissionais qualificados, com o objetivo de formar cidadãos críticos e reflexivos.

Desta forma, as DCN apresentam a pesquisa escolar uma prática essencial para a formação do cidadão consciente e ativo na sociedade.

Muito além do conhecimento e da utilização de equipamentos e materiais, a prática da pesquisa propicia o desenvolvimento da atitude científica, o que significa contribuir, entre outros aspectos, para o desenvolvimento de condições de, ao longo da vida, interpretar, analisar, criticar, refletir, rejeitar ideias fechadas, aprender, buscar soluções e propor alternativas, potencializadas pela investigação e pela responsabilidade ética assumida diante das questões políticas, sociais, culturais e econômicas (BRASIL, 2013, p. 164).

Para que a BE se torne um espaço significativo, onde as pesquisas tenham a função de desenvolver as habilidades necessárias para o crescimento cognitivo do aluno, é importante que os profissionais deste espaço sejam capacitados e atentos ao uso eficaz dos produtos e serviços oferecidos à comunidade escolar, auxiliando os educandos no processo educacional. Correa (et al, 2002) e Almeida Júnior (2006), apontam que uma das funções do bibliotecário escolar é oferecer aos estudantes iguais oportunidades ao acesso de conhecimento registrado.

O bibliotecário vem desenvolvendo considerável papel educacional, complementando o espaço da sala de aula, ampliando os conhecimentos vivenciados pelos alunos, sendo responsável pelo acervo e, principalmente pelo aprimoramento dos usuários da biblioteca (MUELLER, 1989).

Os traços marcantes do perfil do profissional que atua nessas bibliotecas são muito semelhantes aos do professor, cuja preocupação não é fornecer informação propriamente dita, mas orientar pessoas na aquisição de conhecimentos e prepará-las para que possam, sozinhas, buscar informações sempre que precisarem (MUELLER, 1989, p. 66).

Porém, para que o bibliotecário exerça sua função com eficácia é indispensável que esteja integrado no projeto pedagógico, colaborando e participando de forma ativa e dinâmica no processo de ensino-aprendizagem.

O bibliotecário escolar (leitor, mediador e educador), inserido em sua comunidade, tem como uma de suas atividades, participar do projeto pedagógico atuando junto aos professores, alunos, funcionários e familiares de alunos, num trabalho de cooperação e participação, de forma a tornar a biblioteca escolar um espaço dinâmico na escola, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem (BICHERI; ALMEIDA JÚNIOR, 2013, p. 44).

Observamos que para a BE funcionar de forma eficaz é necessário que haja profissionais capacitados para conduzi-la, o bibliotecário, que deve estar inserido no projeto pedagógico para assim colaborar no processo educacional, instruindo os usuários sobre o uso das fontes informacionais no momento das pesquisas escolares, desenvolvendo Competências em Informação.

Campello (2008, p.10) define Competência Informacional como: “[...] o conjunto de habilidades necessárias para localizar, interpretar, analisar, sintetizar, avaliar e comunicar informação, esteja ela em fontes impressas ou eletrônicas.

A BE tem um papel indispensável no processo de desenvolvimento de Competência da Informação pelos alunos, especialmente como espaço de prática da pesquisa escolar, que deve ser motivada pelo docente e orientada pelo bibliotecário, treinando os alunos para o reconhecimento de questões, para a seleção das fontes de informação e de sua interpretação, proporcionando, assim, a geração e o registro de novos conhecimentos.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa busca examinar de que forma a BE tem contribuído para que os usuários, alunos, professores e todos da comunidade escolar, no processo de ensino aprendizagem, evidenciando como este Sistema Informacional pode ser colaborador e integrador na área educacional, trazendo para seus usuários lazer, cultura e conhecimento.

Para atingir esse objetivo os procedimentos metodológicos foram definidos a partir da seguinte base:

- A natureza do tema escolhido;
- Os objetivos propostos;
- O referencial teórico.

A pesquisa foi de natureza qualitativa, pois pretendemos visualizar riqueza de descrições, de “[...] situações, acontecimentos, enfim, estudar o fenômeno pesquisado no ambiente onde eles ocorrem” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12).

Não foi nossa intenção realizar um estudo quantitativo por entendermos que dessa forma não seria possível visualizar uma melhor compreensão do fenômeno que estudamos (HAGUETTE, 1992). Segundo a mesma autora, dados unicamente estatísticos, não nos permitiria entender o fenômeno estudado de forma mais complexa, uma vez que desejamos entender mais o processo que o produto, o que nos interessa aqui no caso, é o que pensam os estudantes/usuários sobre o uso da BE no auxílio da aprendizagem.

A escolha por uma pesquisa de natureza qualitativa também pode ser explicada ainda, por entender que esse tipo de pesquisa possibilita “[...] em maior nível de profundidade, o entendimento de particularidades do comportamento dos indivíduos” (RICHARDSON, 1985, p. 39).

Embora nossa opção tenha sido por uma pesquisa de natureza qualitativa, utilizamos dados quantitativos, esses dados quantitativos compreendemos nos ajudou a realizar as análises qualitativas. Nesse sentido concordamos como Soares (1992, p. 122), que afirma que dados sejam eles de ordem quantitativos e qualitativos podem coexistir, “[...] estes não se repelem, não se contradizem”.

Para Figueiredo (1994), a pesquisa qualitativa é a forma apresentar os dados não quantificáveis, através de coleta de materiais poucos estruturados e narrativos e que requerem o envolvimento máximo do pesquisador. Para Barbetta (1998), este tipo

de pesquisa que nós optamos, nos permite descrever características de determinada população, analisando, correlacionando, registrando fenômenos ou fatos sem manipulá-los.

Inicialmente, realizamos ainda um estudo exploratório. Esse estudo teve por finalidade formular questões que nos levassem a hipóteses, contribuindo para o conhecimento do pesquisador do ambiente, fenômeno ou fato estudado, abrindo precedentes para pesquisas futuras, que podem ser modificadas (MARCONI; LAKATOS, 1990).

Dessa forma buscamos por meio da documentação da escola (registro de frequência dos alunos/usuários a BE), para verificar como tem sido nos últimos tempos essa presença a este setor.

Os dados foram coletados através de entrevista aplicada aos alunos do 6º ao 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Guriri (EMEF – Guriri), com a finalidade de verificar como estes utilizam a BE. Utilizamos um total de 15 perguntas, sendo 11 fechadas e quatro abertas. Após a aplicação das entrevistas com os alunos, foi efetuada a tabulação, com a finalidade de serem esses dados submetidos à interpretação e análise.

Para a concretização da pesquisa, nos apoiamos inicialmente na bibliografia sobre o tema Biblioteca. Como nossa fonte de pesquisa são os alunos/usuários, da BE da Escolar, alunos do 6º ao 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Guriri (EMEF – Guriri). Realizamos uma pesquisa de campo e entrevista com 28 alunos com a finalidade de ter uma visão mais objetiva sobre a influência do espaço da BE para a formação daqueles que a utilizam.

Para a escolha dos alunos levamos em consideração o maior número de vezes que estes tiveram presentes na BE, no caso, essa informação nos foi repassada pela escola.

Utilizamos como instrumentos metodológicos da pesquisa a análise documental da Biblioteca (registro de usuário) e entrevistas, onde por meio destes instrumentos a fim de atingir uma descrição pormenorizada do fenômeno investigado, para que possamos realizar uma descrição mais pormenorizada do que visualizamos.

No caso das entrevistas, nossa opção será pelo tipo semiestruturada, por entendermos assim como Trivinos (1987), que esse tipo de entrevista nos proporcionou uma maior riqueza de coleta dos dados, pois, não podemos perder de vista que foi nossa intenção ouvir a partir da fala dos nossos entrevistados. Partindo

de questões abertas e questões fechadas. Em relação as questões abertas, será nossa intenção, seguirmos um roteiro, mas outras perguntas poderão advir a partir da fala dos nossos entrevistados. A ideia tal como apontam Ludke e André (1986, p. 34), é podermos realizar uma relação interativa entre nós entrevistadores e os alunos, os entrevistados.

[...] o entrevistado discorre sobre o tema proposto, com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica.

Como apontam os estudiosos da temática, as entrevistas semiestruturada nos permite uma retroalimentação, uma vez que iremos sempre explorar a partir das falas dos nossos entrevistados, que são os detentores do conhecimento sobre o tema que iremos pesquisar, dessa forma, no nosso entender será possível obtermos maiores informações, mais detalhes sobre o que estamos pesquisando, ou como diz Richardson (1985, p. 161) “[...] saber o que, como e porque algo ocorre, em lugar de determinar a frequência de certas ocorrências”.

Antes de iniciarmos as entrevistas propriamente ditas informamos aos entrevistados o propósito da pesquisa, sua importância e a possibilidade de serem gravadas. Após a seleção dos entrevistados, de acordo com a listagem de usuários da BE, as entrevistas foram marcadas por meio de Plataforma Digital, com horário e local definidos pelos entrevistados, cujo endereço eletrônico nos foi oferecido pela escola.

Entrevistamos quatro alunos por dia individualmente. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para que depois realizar a categorização.

Concluídas as entrevistas transcrevemos as gravações, estas no entanto, não foram realizadas na sua totalidade, no caso é nossa intenção, desprezarmos a transcrição das falas na sua totalidade, transcrevemos as que foram pertinentes aos temas abordados.

Além da gravação, utilizamos também um caderno que chamamos de ‘campo’, onde foram feitas anotações sobre impressões que não são manifestadas oralmente conforme recomenda José Carlos Sebe Bom Meihy (1996).

4 DISCUSSÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos a análise discussão dos dados, divididos em três seções: a primeira descrevemos a caracterização da BE da EMEF Guriri, histórico, o acervo, equipe e espaço físico. Na segunda, a apresentação de dados referentes ao acesso à BE pelos usuários/alunos. Finalizando com a terceira seção, com a fala dos entrevistados, retirada do questionário aplicado aos usuários, conforme Apêndice A. Assim explanamos como os usuários/alunos utilizam a BE e suas considerações sobre os serviços prestados neste espaço.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR DA EMEF GURIRI

A Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) “Benedicto Caulyt Figueredo”, conhecida como EMEF Guriri, situa-se na Rua Nova Venécia, 1203, Guriri, São Mateus/ES. Fundada em 1981, através do Decreto da Prefeitura Municipal de São Mateus Nº 466/81. Na ocasião, funcionava com o nome de Escola Unidocente “Guriri” e tinha aproximadamente 50 alunos. Através do Decreto 822/92, a unidade educacional passou-se a chamar Escola Municipal de Ensino Fundamental “Guriri”. Em 2017, recebeu o nome de EMEF “Benedicto Caulyt Figueredo”. Hoje, atende alunos entre dez a 18 anos, do Ensino Fundamental II, da comunidade local, sendo a sua maioria de classe econômica baixa. Como está situada próxima ao centro da Ilha, recebe alunos de comunidades próximas, como o Bosque da Praia e Bairro Bom Jesus.

Em 2002, devido às condições físicas da escola para atender mais de 1000 alunos, foi dividida em duas unidades. Todos os alunos de 1ª a 4ª série foram transferidos para a EMEF “Ouro Negro”. A escola passou a atender os alunos de 6º ao 9º ano nas modalidades: Regular, Programa de Correção do Fluxo Escolar (Prefes) e Suplência Fase I e Fase II.

O método pedagógico, adotado pela escola até 2001, era uma pedagogia centrada na visão mecanicista. A Educação Mecanicista vê a educação como uma forma de transmitir conhecimento, sendo o professor o detentor deste e o aluno apenas o receptor. A partir do ano de 2001, o município implementou em todas as escolas municipais de São Mateus, incluindo a EMEF “Guriri”, o Programa Escola Campeã que teve como objetivo garantir o sucesso do aluno por meio de uma

educação de qualidade. No ano de 2002, O Programa Escola Campeã, através de capacitação oferecida aos diretores do município, permitiu à escola fazer um diagnóstico de sua realidade. De tal modo, foi possível traçar de forma coletiva a **Visão, Missão, Valores e Objetivos** almejados pela Unidade Educacional.

Buscando princípios de Gestão Democrática, ao término do ano de 2002, foi construído o primeiro **Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE)**, elaborado por representantes de toda comunidade escolar, que visava principalmente combater a evasão, a reprovação e fazer a correção de fluxo. Com o PDE, iniciou-se um trabalho com inúmeras atividades com metas com o objetivo que o aluno obtivesse uma aprendizagem significativa. Graças a essas atividades, o censo referente ao ano de 2003 apontou resultados satisfatórios. O índice de evasão caiu para 2,5% e reprovação 5,9%.

Ainda em 2003, outros instrumentos de gestão democrática foram oferecidos pela Prefeitura Municipal de São Mateus. O primeiro foi a eleição de diretor que possibilitou à comunidade escolher o seu gestor. Tal eleição permitiu ao diretor atender primeiramente aos interesses da comunidade escolar. O segundo foi a autonomia pedagógica, administrativa e financeira atribuída à escola. A autonomia pedagógica abriu um leque para se discutir de forma ampla e coletiva a proposta pedagógica.

Educadores passaram a refletir sobre questões referentes ao processo de ensino/aprendizagem, currículo e avaliação. Esse documento tornou-se, a partir de 2005, a identidade pedagógica, adotado por todos os membros da comunidade escolar. A partir de 2009, o cargo de diretor voltou a ser por indicação, sendo requisito para preenchimento do cargo formação e experiência na área de docência.

Hoje, a EMEF Guriri conta com 48 funcionários para atender 525 alunos no módulo do Ensino Fundamental II, nos horários matutino e vespertino, sendo as matrículas distribuídas da seguinte forma:

Quadro 1 Quantidade de alunos matriculados

Matrículas	Quantidade de alunos
Matrículas 6º ano EF	164
Matrículas 7º ano EF	146
Matrículas 8º ano EF	88
Matrículas 9º ano EF	127

Fonte: Projeto Político Pedagógico da EMEF Guriri. Dados do censo de 2017.

A infraestrutura da escola é composta por:

Quadro 2 - Infraestrutura da EMEF Guriri

Dependências	Quantidade
Sala de aula	9
Sanitários dentro do Prédio para aluno	4
Sanitários dentro do prédio para professor	2
Biblioteca - 2m ²	1
Cozinha	1
Quadra de esporte	1
Secretaria escolar	1
Sala de professor	1
Sala. de recursos - 2m ²	1

Fonte: Projeto Político Pedagógico da EMEF Guriri.

Observamos que não existe sala de leitura e nem sala de informática, sendo a BE a única fonte de informação para os alunos.

A estrutura da escola deixa a desejar, principalmente a em relação à Biblioteca, já que esta tem um espaço físico pequeno, pouco arejado e sem material adequado à disposição dos usuários. Alunos/usuários relatam, na entrevista que o acervo da BE tem poucos livros de literatura, e que a falta de computadores e *internet* também é um problema.

No Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola não encontramos qualquer informação sobre a biblioteca, nem mesmo acervo ou número de funcionários para atendimento dos usuários. Essas informações foram buscadas diretamente no espaço da escola.

Através de contato telefônico, com a diretora e coordenadora pedagógica, nos foi informado que a Biblioteca da EMEF Guriri conta com mais de 1.500 livros em seu acervo, a maioria livros didáticos de disciplinas do Ensino Fundamental, livros de literatura infantil e infanto-juvenil, além de jornais impressos diariamente entregues na escola. Encontramos alguns atlas de mapas geográficos e revistas antigas para recortes e consultas para pesquisa escolar. Na BE não há computadores e nem acesso à internet.

Figura 1 - Acervo da BE EMEF Guriri



Figura 2 - Acervo da BE EMEF Guriri



Fonte: Arquivo da EMEF Guriri

Não há um profissional habilitado para atender os alunos na BE, este serviço é realizado por uma professora remanejada. A diretora da escola informou que esta prática é comum em escolas do Município. E esta professora apenas atende aos pedidos dos professores ou dos alunos. Não é realizado nenhum projeto dentro do espaço da biblioteca, apenas visitas agendas pelos professores.

Está comprovado que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os alunos atingem níveis mais elevados de literacia, de leitura, de aprendizagem; de resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação (IFLA, 2000, p. 2).

Sabemos que ter um profissional propriamente habilitado dentro da BE é valioso, pois, segundo Bispo (2005), o bibliotecário atua como mediador das informações, pois é habilitado para atender os usuários e suas necessidades de

informação, além de assumir o papel de educador, atuando como elo entre alunos e professores.

4.2 APRESENTAÇÃO DE DADOS

Nesta seção classificamos e identificamos os alunos participantes da pesquisa, analisamos a frequência dos alunos à Biblioteca da Escola, avaliamos a infraestrutura e o acervo da Biblioteca, o atendimento dispensado pelo profissional que atua em tal ambiente, a disponibilidade de material bibliográfico, as atividades desenvolvidas dentro desse espaço e o comportamento do usuário perante a BE.

4.2.1 O uso da Biblioteca pelos alunos da Escola

Trabalhamos com um total de 28 alunos entre o 6º e o 9º ano do Ensino Fundamental, sendo sete de cada ano. Os alunos foram selecionados levando em conta sua frequência escolar. Os dados foram coletados através de questionário, formulado com 15 questões, 3 abertas e 12 fechadas. Assim, foi possível identificar, apontar e avaliar como os alunos utilizam os serviços da biblioteca.

A BE funciona das 08:00 às 17:00 de segunda a sexta-feira, a profissional responsável pela organização e atendimento dos usuários é uma professora remanejada. A biblioteca conta com um acervo de 1.500 livros, sendo na maioria, livros didáticos. Apenas 10% dos alunos costumam fazer empréstimo de livros e apenas 2% para leitura recreativa. Identificamos que 70% dos usuários são meninas e que 100% dos professores utilizam a Biblioteca para desenvolver atividades com as turmas. Porém, apenas para trabalhos de pesquisa da sua própria disciplina, não há projetos que integram todas as disciplinas.

A frequência dos alunos foi uma das questões levantadas. Identificamos que apenas 35% dos entrevistados utilizam a BE, mais de 92% só frequenta a biblioteca quando há atividades programadas pelos professores. Os alunos relatam que as atividades programadas pelos professores acontecem uma vez por mês, ou quando há a necessidade de desenvolver alguma pesquisa para trabalhos. Muitos reclamaram sobre a estrutura física, pois a biblioteca é pequena e pouco arejada, além da dificuldade para achar o material que procuram.

Por meio da funcionária que atende na BE, foi possível identificar o aumento

da frequência e dos serviços utilizados. Em 2018 menos de 60% dos usuários frequentaram a BE para pesquisas e empréstimos, esses dados chamaram a atenção da equipe pedagógica. Esses dados mostram que muitos alunos não frequentavam a biblioteca por falta de incentivo dos professores e, principalmente, devido a precariedade dos serviços oferecidos neste espaço. Assim, é necessária a integração desse espaço com os planejamentos.

Diante dessa realidade foram cobradas, dos professores e da profissional responsável pela BE mais atividades envolvendo pesquisas e leituras, com planejamentos integrando a sala de aula e a biblioteca, além de projetos de literatura. O resultado foi satisfatório em 2019. Mais de 90% dos alunos utilizaram a BE para pesquisas e empréstimos de livros, além de atividades desenvolvidas pelos professores. Já em 2020 apenas 67% dos alunos utilizaram os serviços da biblioteca, porém os serviços se resumiam apenas em atividades planejadas pelos professores. Apenas 30% dos alunos procuraram a Biblioteca para empréstimos de livros de literatura. O número de pesquisas e empréstimos caiu substancialmente. A funcionária que atende na biblioteca, relata que depois da Pandemia de Covid poucos procuraram os serviços da biblioteca.

Penalosa (1961), relata a importância da presença do aluno na biblioteca para seu desenvolvimento intelectual. É indispensável a utilização desse espaço para o desenvolvimento de atividades e pesquisas escolares. E o professor, juntamente com o bibliotecário, incentivem o aluno a buscar por novas informações.

Questionamos aos alunos/usuários para qual finalidade utilizam a BE e se o acervo da mesma atendia as suas necessidades. A grande maioria, 96%, relataram que utilizam a biblioteca para trabalhos escolares, sendo que 85% dos alunos só procuram a biblioteca para pesquisas quando os professores desenvolvem atividades e trabalhos na biblioteca. Apenas 7% costumam fazer empréstimo de livros para leitura.

Os usuários/alunos classificam o acervo da biblioteca como bom, porém 64% afirmam que não há diversidade de livros, que na maioria são livros didáticos, não atraem os usuários. A falta de computadores e de acesso à *internet* também é outro ponto crítico, pois os usuários afirmam que se houvesse esses recursos as pesquisas seriam mais eficientes. Alguns usuários citam que os livros de literatura são sempre os mesmos e não há muitos. Pieruccini (2012, p. 7), relata em artigo para Revista Educação que:

É no ensino fundamental que a falta de bibliotecas encontra uma realidade mais dramática: apenas 30% das escolas públicas oferecem o equipamento nessa etapa de ensino, e 43% dos alunos estudam sem ela. Na escola privada elas também fazem falta: 28% das escolas não oferecem esse equipamento e 18% dos alunos estudam sem ele. Em âmbito nacional, as escolas municipais são as mais deficitárias – só 22% contam com acervos organizados.

Segundo Silva (1986), a biblioteca deve ser um espaço de estímulo à leitura e de busca de informação e que sem a tentativa de estimular, coordenar e organizar a leitura, este será um instrumento vago e incerto.

Vemos que são necessários estímulos para que os alunos frequentem o espaço da BE. Segundo Côrte e Bandeira (2011) o ambiente da BE deve ser agradável para que os usuários se sintam estimulados a frequentar o espaço rotineiramente, para pesquisas ou para leituras de entretenimento. Por isso a necessidade de uma boa infraestrutura, recursos e um profissional habilitado para receber e orientar os usuários como utilizar a BE da melhor forma.

Além do acervo, outro ponto que nos chamou a atenção é a falta de um profissional habilitado para atender na biblioteca. A administração da escola relata que o atendimento é realizado por uma professora remanejada e que a mesma não possui nenhuma formação específica na área de informação. 57% dos alunos afirmam que não recebem qualquer tipo de auxílio da profissional que está na biblioteca no momento das pesquisas e que sempre há dificuldade para encontrar os livros que solicitam. 53% dizem que o atendimento é regular, pois muitas vezes suas necessidades não são sanadas e que por isso preferem recorrer a pesquisas na *internet*.

Segundo Fontelles (2012), para que a biblioteca faça sentido é importante que seja entendida e projetada como um local para despertar prazer. O acesso aos livros não basta, é importante dar liberdade para que os alunos escolham títulos de seu interesse.

Esses relatos mostram porque a BE não vem colaborando com o processo de aprendizagem, como deveria ser. Nery (et al., 1989, p. 14) cita que quando a BE não possui um profissional habilitado, ou seja, um bibliotecário, e que não atende as necessidades do currículo escolar, os prejuízos são para todos os interessados:

[...] o professor, que perde um grande aliado em termos de apoio técnico pedagógico; o bibliotecário ou responsável que vê seus esforços se perderem no vácuo das "impossibilidades" e, principalmente, os alunos que deixam de ter um grande instrumento de auxílio nas tarefas escolares e enriquecimento

cultural na ampliação de seus horizontes e na formação de uma visão crítica.

Durante a pesquisa notamos que o problema não compete apenas à biblioteca, ao profissional, ou à escola, mas também a falta de interesse dos alunos pela leitura e pela pesquisa. Mais de 90% dos alunos confirmam que não gostam de ler e que preferem as informações da *internet*, pois tudo já vem praticamente pronto.

Esse ponto nos despertou um alerta. Vemos que os alunos, não fazem pesquisas, mas procuram respostas prontas, apenas um copia e cola. Essa prática é comumente aplicada pelos alunos em trabalhos ou atividades escolares. A maioria não mostra qualquer interesse em realizar pesquisas, leituras de materiais diversos. E dizem que os professores também não incentivam leitura de livros de literatura ou para recreação. Um aluno do 9º ano relata na entrevista:

Depois que passamos para o 7º, 8º, 9º ano, os professores nem falam mais pra gente pegar livros de literatura pra ler em casa, só pra distrair. Parece que só podemos ler coisas de escola. Os trabalhos, a gente encontra prontinho na internet. Os livros da biblioteca são todos iguais, nem dá vontade de ir lá pra pegar emprestado. Só vamos à biblioteca porque somos obrigados. Nada lá é legal.⁵

Grande parte dos alunos não utilizam a biblioteca por vontade própria. Não há projetos na escola que estimulem a leitura, principalmente para alunos do Ensino Fundamental II. Os professores quando levam os alunos para a biblioteca é sempre para trabalhos de pesquisa, sem critérios para pesquisas em livros, revistas, mídias. Apenas são direcionados para responderem as questões aplicadas. Não há uma orientação para o desenvolvimento das atividades.

Parte dos alunos relatam que os professores programam atividades na biblioteca pelo menos uma vez por mês, são trabalhos de pesquisa. A reclamação dos alunos é que não há um direcionamento, os professores ou o profissional da biblioteca não costumam indicar livros e quando fazem, há poucos livros para consulta. A biblioteca também não tem computadores ou *internet*, além de ser um espaço pequeno e pouco confortável. Essas pontuações dos usuários/alunos mostram como os serviços da BE são precários e há a necessidade de planejamentos direcionados às atividades desenvolvidas no espaço da biblioteca.

Para Silveira (1996), a BE é o espaço que deve incentivar e desenvolver o hábito da leitura. O autor lembra que, geralmente, quem tem mais desejo por aprender

⁵ Entrevista concedida a autora em janeiro de 2021.

e saber o que há nos livros, são as crianças. E a escola, assim como a biblioteca, devem oferecer atividades que estimulem a leitura, através de uma seleção de documentos que sejam de interesse dos usuários, de um espaço confortável e organizado.

Num contexto geral, através da pesquisa aplicada com os alunos, constatamos o quanto a BE é um espaço esquecido, pouco interessante e o quanto a falta de estrutura, de um profissional habilitado, de acervo adequado desestimulam a frequência, o gosto pela leitura e pela pesquisa. E como essas carências refletem no processo de ensino aprendizagem.

A BE é um fator importante para desenvolvimento do sistema educacional, tem a finalidade de reunir e difundir os fatos culturais. É necessário que este espaço tenha investimentos para sua manutenção, garantindo à toda a comunidade escolar acesso à informação e cultura.

5 SUGESTÃO DE PROJETO PARA OTIMIZAR O USO DA BE DA ESCOLA PESQUISADA

Os problemas encontrados nas Bibliotecas Escolares no Brasil, são alvo de muitos pesquisadores, que, através de seus estudos procuram e comprovam soluções criativas e acessíveis para a melhoria desse ambiente.

Em última pesquisa realizada pelo Ibope e o Instituto Pró-Livro, em 2015, mostrou que 44% da população brasileira é considerada não leitora, e 30% nunca comprou um livro. Em torno de 30% dos não leitores, afirmam que não gostam de ler. Vemos, então, a necessidade de incentivar a leitura dentro do ambiente escolar (FRANÇA, 2019). Diante dos estudos realizados, como produto final, foi desenvolvido um projeto para incentivar a pesquisa e o uso da BE.

Constatamos que a falta de incentivo à pesquisa científica, com a finalidade de aprendizado real é algo que traz prejuízos no processo de ensino aprendizagem. A informação em livre demanda, oferecida pela internet sem critérios pode gerar uma sensação de conhecimento momentâneo. É necessário que haja orientação, organização e critérios para que os alunos se tornem pesquisadores de verdade, e assim, adquiram o conhecimento e aprendizagem real.

Segundo Mattos e Castanha (2009) a pesquisa é grande aliada no processo de aprendizagem e que deve ser estimulada pelos professores, que é necessário acontecer desde o início da escolarização, para a formação crítica, criativa e inovadora do aluno.

O incentivo pode ser através de uma BE acolhedora, confortável e atraente, no qual os alunos se sintam à vontade para escolher livros de seu interesse; materiais diversos para pesquisas, principalmente computadores com acesso à internet; organização e atendimento adequado, com profissionais habilitados e preparados para recebe-los; além de projetos e planejamentos que envolvam a família e toda a comunidade.

Com este pensamento, desenvolvemos um projeto que integrasse todas as disciplinas, professores e a BE. Assim envolvemos toda a comunidade escolar, como sugere os documentos educacionais. Com o **objetivo geral** mostrar como a pesquisa colabora com a aprendizagem e incentivar o uso dos serviços da BE.

Os objetivos específicos são:

- Estimular a leitura;

- Organizar bibliografias atuais e contextualizadas com os temas escolhidos;
- Promover o trabalho em conjunto entre professores e a BE;
- Desenvolver nos alunos o gosto pela pesquisa e pelo conhecimento.

O projeto pode ser aplicado durante todo o ano letivo. As ações serão divididas em trimestres.

No primeiro trimestre, após planejamento pedagógico com o bibliotecário, os professores, juntamente com os alunos, irão escolher os temas que serão pesquisados, respeitando o Currículo Escolar. Os alunos farão uma lista de livros que gostariam de ler e as atividades que podem ser desenvolvidas. Nesse processo é importante que os professores estimulem a criatividade e a liberdade do aluno em expor seus interesses.

Os alunos serão separados em duplas, escolher a disciplina quem têm mais afinidade e, juntamente com o professor da disciplina escolhida, definir um tema para a pesquisa. O professor e o responsável pela BE deverão organizar os materiais para as pesquisas, planejando os dias de visitas à biblioteca, os materiais que podem ser emprestados e aqueles que só poderão ser diretamente consultados e utilizados no espaço da BE.

As orientações para a construção da pesquisa acontecerão no decorrer do ano, devem ser orientadas pelo professor da disciplina escolhida, devendo este acompanhar cada passo da pesquisa, sugestionando referências, além de ensinar como organizar e formatar o trabalho.

Para a finalização, os alunos devem apresentar seus trabalhos, em forma de seminários, para sua turma.

A pesquisa é um processo de aprendizagem para quem a realiza e para a sociedade na qual se desenvolve. É um processo de desenvolvimento do conhecimento, gerando novas informações ou de contestá-las (RICHARDSON, 1999).

O professor orientador vai conduzir o aluno durante a atividade, para que esta tenha significado e que o conduza para o conhecimento e reflexão diante das informações colhidas durante a pesquisa.

Pádua (1996), salienta que, toda atividade que tem como objetivo solucionar problemas é uma forma de pesquisa. Esse tipo de atividade que traz indagação, investigação, busca pela realidade, permite elaborar o conhecimento ou um conjunto de conhecimentos, que colabora com a compreensão da realidade e nos orienta em nossas ações.

Através das leituras, sugeridas pelos alunos, os professores podem desenvolver atividades como: debates, apresentações teatrais ou exposição de desenhos (obras de arte) relacionados às leituras.

Outro incentivo é a Feira do Livro. Com parceiros que queiram vender e compartilhar obras literárias, troca de livros, doações. Além de apresentações culturais. Esse evento pode ocorrer num final de semana e deve ser aberta ao público.

É importante que os alunos estejam envolvidos com cada etapa e que haja integração entre toda a comunidade escolar.

Cronograma do Projeto

1º Trimestre: Planejamento pedagógico; Escolha de temas das pesquisas; Seleção de livros e autores, este momento deve ser compartilhado com alunos, professores e bibliotecário.

2º Trimestre: Orientações das pesquisas, conduzidas pelos professores de cada disciplina; Organização da Feira do livro, atividades para exposição, seleção de apresentações baseadas nas leituras desenvolvidas; desenvolvimento dos convites para a comunidade.

3º Trimestre: Finalização das pesquisas, através de trabalhos escritos e apresentação para culminância do projeto. Avaliação final dos conhecimentos adquiridos pelos alunos, pelas experiências vividas e compartilhadas.

É importante que os professores e o bibliotecário, no decorrer do projeto, mostrem a importância da pesquisa e leitura para aquisição de informação, pensamento crítico e desenvolvimento do conhecimento, além da interação com a cultura.

Através desse projeto o aluno compreenderá que pode construir novas informações, divulgar e compartilhar seus pensamentos e conhecimentos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa denota da necessidade de buscar soluções para um melhor aproveitamento dos serviços da BE. Sabemos que este é um espaço que deve estar integrado ao processo de ensino aprendizagem, fornecendo materiais para todos os assuntos e interesses, e incentivando o hábito da leitura.

Diante dos estudos e pesquisa identificamos que há vários problemas para um funcionamento satisfatório da BE. O espaço físico não é adequado, os profissionais que fazem o atendimento não são habilitados, o acervo é pobre e faltam materiais adequados para atender aos usuários de toda a comunidade escolar.

Através da pesquisa de campo foi possível identificar como os usuários utilizam os serviços da Biblioteca, de que forma contribuem no processo de ensino aprendizagem. Além de apontar o perfil do usuário, sua visão diante dos serviços e expectativas diante da BE. Diante desses dados fica evidente que há problemas e que eles são comuns, não só na Escola estudada, mas na maioria das instituições de ensino público. Porém as ações para a resoluções dos pontos estudados, são simples e possíveis.

A falta de interesse pela leitura é algo comum entre os alunos. Constatamos, através da pesquisa de campo, que esse fato se dá pela falta de incentivo por parte da família, a falta de projetos e planejamentos pedagógicos direcionados a leitura, e devido ao acervo e serviços oferecidos na BE. Esses pontos são corroborados pela escassez de recursos para a escola adquirir livros que sejam de interesse dos alunos. É importante ressaltar que livros didáticos não é acervo da biblioteca, pois os mesmos são de uso dos alunos em sala de aula.

A comunidade na qual a escola está inserida é carente, tanto no sentido econômico quanto cultural. Os integrantes das famílias dos alunos também não têm o hábito da leitura, não há incentivos. A única biblioteca pública está localizada no centro de São Mateus e as Bibliotecas Escolares não estão abertas para atender a comunidade. É importante que se crie ações que envolvam a comunidade e as famílias dos alunos, que proporcione a todos o acesso à leitura e cultura.

Se faz necessário a transformação da biblioteca, como um espaço de segura formação de leitores e intensa e sistemática estruturação de pesquisadores. A BE deve ser um espaço dinâmico e que interaja com o processo educacional, com materiais de boa qualidade, com o objetivo de proporcionar aos usuários

oportunidades de enriquecimento cultural, social, intelectual e de lazer através de leituras informativas e recreativas.

A equipe pedagógica deve integrar a BE nos planejamentos, com a finalidade de utilizar o espaço e os seus serviços para a colaboração do desenvolvimento do processo educacional. Porém é importante que este espaço também se mostre adequado para atender os usuários.

O personagem central da escola é o professor, assim como o bibliotecário é na BE. Estes profissionais contribuem para o avanço educacional. As declarações da IFLA (2000) evidenciam que quando professores e bibliotecários trabalham em conjunto os alunos atingem níveis mais elevados de leitura e aprendizagem.

Muitos especialistas comprovam que a biblioteca possui significativa participação no processo de avaliação da rede pública de ensino, pois, pode dar suporte às atividades dos professores bem como, promover o conhecimento aos alunos e toda a comunidade educacional, tornando-a um espaço alegre e bem atraente a todos.

Conclui-se que o espaço da BE é um recurso importante e indispensável na formação de cidadãos leitores e pesquisadores, sejam eles educandos ou educadores. Por isso a necessidade de transformar o espaço da biblioteca em um local adequado e atrativo para os usuários. Sabemos que a BE é uma aliada no processo de ensino aprendizagem, prestando auxílio nas atividades escolares, na formação de cidadãos críticos e no enriquecimento cultural.

REFERÊNCIAS

ABAD, Miguel. Crítica política das políticas de juventude. In: FREITAS, M. V. de; PAPA, F. de C. (Org.). **Políticas públicas: Juventude em Pauta**. São Paulo: Cortez: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Frederich Ebert, 2006.

ARAÚJO, C. A. A. Estudos de usuários: pluralidade teórica, diversidade de objetos. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 9., 2008, São Paulo. Anais... São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2008.

ARAÚJO, C. A. A. Estudos de usuários conforme o paradigma social da ciência da informação: desafios teóricos e práticos de pesquisa. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 23 - 39, jul./dez. 2013.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. 200 anos da primeira biblioteca pública do Brasil: considerações históricas-biblioteconômicas acerca dessa efemeridade. **Perspectivas em Ciências da Informação**. v.17, n. 2, p. 2-25, abr./jun. 2012.

BANDEIRA, 2011 Lima (1994) BATTLES, Mathew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta, 2003.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti. BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DO AMAZONAS: a construção de sentido de seu edifício. **Informação & Sociedade: Estudos**, n. 1, v. 12 n.1 2002, 2002.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A cidadania ativa: referendo, plebiscito e iniciativa popular**. São Paulo: Ática, 1991.

BEIRITH, Ângela. As escolas isoladas de Florianópolis no contexto da regulamentação do ensino primário (1946-1956). **Revista Linhas: Revista do Programa de Pós- Graduação em Educação**, Florianópolis, v. 10, n. 02, p. 156 –168, jul. / dez. 2009.

BICHERI, Ana Lucia de Oliveira. **A mediação do bibliotecário na pesquisa escolar face à crescente popularização da informação**. Marília: UNESP – Universidade Estadual Paulista, 2008. 197 f.

BRASIL. LEI Nº 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1961. Disponível em: Acesso em: 23 nov. de 2021.

BRASIL. LEI No 5.692, DE 11 DE AGOSTO DE 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, 1971. Disponível em: Acesso em: 23 nov. de 2020.

BRASIL. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: . Acesso em: 20 nov. de 2020.

BRASIL. LEI Nº 10.172, DE 9 DE JANEIRO DE 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Brasília, 2001. Acesso em: 23 nov. de 2020.

BRASIL. LEI Nº 12.244, DE 24 DE MAIO DE 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília, 2010. Acesso em: 23 nov. de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Brasília, 1997. 10 v.

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

CAMPELLO, Bernadete. **Biblioteca escolar**: conhecimentos que sustentam a prática. Belo Horizonte: Autêntica, 2012

CAMPELLO, Bernadete. **Letramento informacional no Brasil**: práticas educativas de bibliotecários do ensino básico. 2009. 209 fls. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009a.

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação (Brasília)**, v. 32, p 28-37, set./dez, 2003.

CAMPELLO, Bernadete. Letramento Informacional: função educativa do bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2009b.

CAMPELLO, Bernadete. Parâmetros para bibliotecas escolares brasileiras: fundamentos de sua elaboração. **Informação e Sociedade (João Pessoa)**, v. 21, p. 105-120, maio/ago. 2011.

CAMPELLO, Bernadete; ABREU, Vera Lúcia Furts Gonçalves. Competência informacional e formação do Bibliotecário. *Perpect.ciênc.inf*; Belo Horizonte, v.10 n.2, p. 178-193. jul / dez. 2005.

CAMPELLO, B. et al. Aprendizagem pela pesquisa: busca e uso de informações na produção de conhecimento. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 11., 2010, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2010.

CAMPELLO, Bernadete. **Biblioteca escolar como espaço da produção do conhecimento**: parâmetros para bibliotecas escolares. Belo Horizonte: GEBE/UFMG, 2010.

CAMPELLO, Bernadete. **Biblioteca escolar**: temas para uma prática pedagógica. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CÔRTE, Adelaide Ramos; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca Escolar**. Brasília: Briquet de Lemos, 2011.

CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de; PACAGNELLA, Juliana Nascimento. Biblioteca escolar pública, bibliotecário. In: CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de; ROMÃO, Lúcilía Maria Souza (Org.). **Dizeres sobre a biblioteca escolar: palavras em movimento**. Ribeirão Preto, 2011, p. 97-108.

CHASSOT, A. **Alfabetização científica**, Cruz Alta: Editora Ijuí, 2001.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento: como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões**. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2003.

CURY, C. R. J. *O Conselho Nacional de Educação e a Gestão Democrática*. In: CZERNISZ, Eliane Cleide da Silva. **“Gestão Democrática” da Escola Pública: Um Movimento de “Abertura” da Escola à Participação da Comunidade?** Dissertação de Mestrado. Maringá: UEM. Disponível em: 1999.http://izabelsadallagriscipino.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1146. Acesso em: 23 nov. de 2020

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 1, p. 23-35, 2003.

EGGERT-STEINDEL, G.; FONSECA, C. F. A biblioteca escolar: participante da promoção da justiça e êxito escolar. In: VALLE, Ione Ribeiro; SILVA, Vera Lucia Gaspar da e DAROS, Maria das Dores Daros (Org.). Qual o título do livro? Florianópolis: Ed. UFSC, 2010.

FURTADO, Cássia. A biblioteca escolar no sistema educacional da sociedade da informação; segundo proposições de Masuda. s.l. **IBICT**, 2004. Disponível em: <http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/317.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

GARCEZ, E. Fioravante. O bibliotecário nas escolas: uma necessidade. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.12, n.1, p.27-41, jan./jun., 2007.

GASQUE, K. C. G. D. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ciência da Informação**, v. 39, n. 3, p. 83-92, set./dez., 2010. Disponível em: . Acesso em: 10 dez. 2020.

GOMES, H. F. A mediação da informação, comunicação e educação na construção do conhecimento. **Data Grama Zero** (Rio de Janeiro), v. 9, n. 1, 2008. Disponível em: Acesso em: 16 jan. 2020.

GONÇALVES, Irlen Antônio. **Cultura escolar: práticas e produção dos grupos escolares em Minas Gerais (1891-1918)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Coleção História da Educação. Governo do Estado do Espírito Santo Secretaria de Cultura.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3. ed. Petrópolis: vozes, 1992.

FURTADO, Cássia. A biblioteca escolar no sistema educacional da sociedade da informação; segundo proposições de Masuda. s.l. **IBICT**, 2000.

KIESER, Herta; FACHIN, Gleisy Regina Bóries. Biblioteca escolar: espaço de interação entre bibliotecário-professor-aluno-informação - um relato. In **CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO F**, 19., Porto Alegre, 2000. Anais eletrônicos...Disponível em: www.geocities.ws/biblioestudantes/texto_28.pdf. Acesso em: Julho de 2020.

LIMA, A. B. **Aproximação crítica à teoria dos estudos de usuários de bibliotecas**. Londrina: Embrapa- CNPSo ; Brasília: Embrapa/SPI, 1994.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Josiel Santos. O processo evolutivo das bibliotecas da antiguidade ao Renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e documentação**. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 175-189, jul/dez. 2012.

MAROTO, Lucia Helena. A biblioteca escolar no Brasil hoje. In: MAROTO, Lucia Helena. **Biblioteca escolar, eis a questão!** Do espaço do castigo ao centro do lazer educativo. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 57-74.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MARTUCCI, Elizabeth M. Financiamento, legislação e redes: debatedores. In: MACEDO, Neusa Dias de (Org.). **Biblioteca escolar brasileira em debate**: da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: SENAC; Conselho Regional de Biblioteconomia, 8. região, 2005. p. 218-225.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História oral**: São Paulo: Loiola, 1996.

MUELLER, Suzana P. M. Perfil do bibliotecário, serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, DF, v.17, n. 1, p 63-70, 1989.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília, Briquet de Lemos, 2006.

NEVES, I. C. B. **Pesquisa escolar nas séries iniciais do ensino fundamental: bases para um desempenho interativo entre sala de aula e biblioteca escolar**. 2000. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia et al. **Pedagogia (s) da infância**: dialogando com o passado construindo o futuro. Artmed, 2007.

POLKE, A. M. A. A biblioteca escolar e seu papel na formação de hábitos de leitura. **R. Esc. Biblioteconomia** da UFMG, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 60-72, 1973.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1985.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil e análise da lei 12.244/10. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.16, n.2, p. 489-517, jul./dez., 2011.

SILVA, W. C. **Miséria da biblioteca escolar**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. Disponível em: < <http://www.discurso.ufrgs.br/>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOARES, Magda. Metodologias não convencionais em teses acadêmicas. In: FAZENDA, Ivani. (Org.). **Novos enfoques da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1992. P. 119-128.

TARAPANOFF, K. Biblioteca escolar: os problemas de forma, função e significado. **Boletim. ABDF Nova Série**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 36-41, 1982.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da informação no Brasil: Livro Verde**. Brasília. Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais; a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO Manifesto IFLA/UNESCO para a Biblioteca escolar. IFLA. International Federation of Library Associations and Institutions. Manifesto da Biblioteca escolar da IFLA/UNESCO.

VÁLIO, Else Benetti Marques. **Biblioteca escolar: uma visão histórica**. Transinformação, Campinas, v.2, n.1, p.15-24, abr.1990. Disponível em: 62 < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf >. Acesso em: 17 mar. 2020

VIDAL, Diana Gonçalves. Experiências do passado, discussões do presente: a Biblioteca Escolar Infantil do Instituto de Educação Caetano de Campos (1936-1966). **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.19, número especial, p.195-210, out./dez. 2014.